

# UNIFICAÇÃO

ÓRGÃO DA

UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE S. PAULO - USE

N.º 15 — SÃO PAULO - JUNHO DE 1954 — ANO II

## O Nosso Ideal — Unificação

Unificação é sintonização de forças para ação em conjunto. Como não há dois espíritos iguais, compreende-se que a primeira condição para unificação é a tolerância, a qual, por sua vez, vem a ser seu fruto da compreensão; essa, por seu lado, será sempre a resultante do conhecimento, do grau de evolução já alcançado.

Unificar é reunir em coletividade cada vez maior a fim de facilitar e aperfeiçoar as tarefas tanto individuais como coletivas; esse é o sentido da evolução. Unidades menores, menos poderosas, se reúnem para darem origem a unidades maiores, mais poderosas. Esse é o exemplo que a Natureza nos dá, se a analisarmos da constituição dos átomos à organização das Constelações. Exemplo esplendente desse trabalho unificador também se pode observar claramente no nosso corpo físico.

Unificação é movimento de solidariedade, e a solidariedade universal é a meta que a todos nós aguarda. A proporção em que avançamos no conhecimento da Vontade do Criador, tanto mais imperiosa se torna em nossa consciência a necessidade de esforços de unificação, e tanto mais sólida se vai tornando essa unificação, pois quanto mais evoluiu o espírito, tanto maior será a sua capacidade de compreensão, maior o seu poder de renúncia, e menor a sua tendência egocêntrica. A meta final é a unificação de todas as vontades espirituais em torno de um princípio ou de uma idéia.

Segundo as vozes autorizadas do Espaço, a Humanidade terrena caminha para a implantação coletiva do reinado do Bem que Jesus pregou, reinado esse que se caracterizará essencialmente pelo amplo domínio das forças chamadas espirituais sobre as forças chamadas materiais, bem como pela substituição do sentimento de egoísmo pelo sentimento de altruísmo, e do espírito de orgulho pelo espírito de humildade. Não é difícil concluir-se que, em tão aperfeiçoado ambiente, o Espírito de cooperativismo será uma realidade palpante. Para lá caminham, embora a passos lentos e mais ou menos indecisos, todos os que, em qualquer setor das múltiplas atividades humanas, evidenciam esforços no sentido de unificarem as forças dos meios em que labutam.

Há tanta sabedoria no princípio de unificação, que até mesmo quando o movimento se processa para os fins ignominiosos do egoísmo e da maldade, o seu resultado satisfatório não se faz esperar, embora, nessas condições, se trate apenas de vitórias efêmeras e ilusórias, como sói acontecer com todas as vitórias em desacordo com o Plano Divino da Vida.

Aplicando todas essas considerações ao caso particular do movimento de unificação dos espíritos, o que não se poderá esperar dele em produção benéfica, tratando-se dos adeptos de uma Doutrina que esclarece meridianamente todos os setores da vida humana!

Toda boa doutrina sempre acaba por esclarecer, reformar e melhorar as criaturas, embora esse trabalho de redenção demande tempo, pois os defeitos das más doutrinas se impregnaram nas almas humanas por vários séculos, consolidando posições que não se demovem facilmente devido à força do hábito.

O Espiritismo, bem estudado e bem meditado, levará a Humanidade a uma outra compreensão de Vida, e como fruto dessa nova compreensão, teremos a modificação do caráter de

cada homem, e por isso mesmo a modificação moral da Humanidade.

O momento atual é de intensa luta entre duas correntes de pensamento, batalhando em sentidos opostos: a corrente involutiva e a corrente evolutiva.

Cada corrente se compõe de imensas falanges; não há mais lutas de indivíduos, mas sim, lutas de coletividades. Estando o Espiritismo na linha de frente desse movimento de libertação, não se pode compreender que os seus adeptos não se unam para a grande batalha contra a ignorância, o fanatismo, a descrença, o materialismo, o egoísmo e a prepotência. No que concerne à nossa parte de espíritas, a luta será pacífica, luta branca, apenas com as armas do conhecimento e da bondade, com posições conquistadas pela força da razão, da persuasão fraterna e com os exemplos edificantes de superioridade espiritual. Para nós, os espiri-

## PENSAMENTO É CAUSA

LUIZ MONTEIRO DE BARROS

O pensamento é o alimento do Espírito e, como tal, a sua força.

As ações que caracterizam os Espíritos são a resultante mediata ou imediata de seus pensamentos. O pensamento é a grande força criadora do Espírito. Cada um de nós é uma fonte permanente de forças espirituais, forças essas que tanto atuam sobre outros seres semelhantes a nós, como sobre a matéria que nos circunda.

Em relação aos outros Espíritos, podemos atraí-los ou repeli-los, sempre obedecendo à lei da semelhança ou da sintonia. Cada qual vive na família espiritual que elegeu segundo as suas próprias afinidades psíquicas. O continente, a pátria, a família, o ambiente social em que cada um de nós vive é o fruto dos labores e das tendências que trouxemos de nossas encarnações pretéritas.

A Lei dispõe tudo de tal forma e com tal sabedoria, que cada ser recebe sempre de acordo com a sua capacidade e de acordo com a sua necessidade.

No turbilhão da Vida nós lançamos no espaço as forças que nos caracterizam, e a Lei, a Sabedoria Divina toma conta dessas forças por nós libertadas e as encaminha de tal modo que venhamos, pelo choque de retorno delas, a aprender a viver de acordo com essa mesma Lei, que é essencialmente soberana. Não é difícil perceber como essa lei de ação e reação nos impõe sempre para a lei do Amor, para o princípio da solidariedade universal, fonte única e infalível da felicidade verdadeira, da paz, do bem-estar permanente.

A sementeira é livre, mas a colheita será sempre obrigatória. Quem planta é o ho-

mem. O meio em que ele planta é a coletividade humana. A Lei Divina, aproveitando a força e o meio, a semente e o terreno, faz com que, por uma reação reversível, se transformem, paulatinamente, tanto a semente como o terreno, isto é, leva à lei da evolução tanto o indivíduo como a coletividade.

O móvel da Vida é o pensamento sintetizado no Verbo. A Causa inicial de tudo o que vemos e sentimos é sempre pensamento. O mundo das causas será sempre, essencial e profundamente, o mundo do pensamento. E' nesse mundo que reside a verdadeira sabedoria, por ser ele o mundo das causas e das realidades. Quem quiser viver, pois, com sabedoria, que aprenda a pensar, que se habitue a meditar. Só observando serenamente e meditando acuradamente se aprende a viver, a viver de acordo com a Sabedoria Divina.

Para a nossa ciência ocidental, profundamente materialista, esse tema não passa de utopia ou dogma de espiritualistas; o próprio Espiritismo, apesar de ser o espiritualismo positivista, se me permitem a expressão, ainda não entrou fundo nesse tema tão sugestivo e tão essencial; no entanto lá chegará dentro em breve. Todas as verdades afines à vida espiritual ser-nos-ão reveladas paulatinamente, sempre obedecendo aos imperativos de nossa capacidade e de nossa necessidade. "Não há nada oculto que não venha a ser revelado", afirmou-nos o Mestre, e nem há "nada encoberto que não venha a ser descoberto".

Em sua excelente obra intitulada "Roteiro", já Emmanuel entra de maneira decidida nesse tema, enviando-nos pérolas de inestimável valor, e cujo alcance bem se pode aquilatar por essas afirmativas tão categóricas: "A mente é manancial vivo de energias criadoras. O pensamento é substância, coisa mensurável... Correspondem-se as idéias; segundo o tipo em que se expressam, projetando raios de força que alimentam ou deprimem, sublimam ou arruinam, integram ou desintegram, arrojados sutilmente do campo das causas para a região dos efeitos.

A imaginação não é um país de névoa, de criações vagas e incertas. E' fonte de vitalidade, energia, movimento..."

O idealismo operante, a fé construtiva, o sonho que age, são os pilares de todas as realizações. Quem mais pensa, dando corpo ao que idealiza, mais apto se faz à recepção das correntes mentais invisíveis, nas obras do bem ou do mal... "Preclisamos compreender que os nossos pensamentos são forças, imagens, coisas e criações visíveis e tangíveis no campo espiritual. Atraímos companheiros e recursos, de conformidade com a natureza de nossas idéias, aspirações, invocações e apelos".

"Energia viva, o pensamento desloca, em torno de nós, forças subitas, construindo paisagens ou formas e criando centros magnéticos ou ondas, com os quais emitimos a nossa atuação ou recebemos a atuação dos outros. Nosso êxito ou fracasso dependem da persistência ou da fé com que nos consagramos mentalmente aos objetivos que nos propomos alcançar.

Semelhança lei de reciprocidade impera em todos os acontecimentos da vida. Comunicar-nos-emos com as entidades e núcleos de pensamentos com os quais nos colocamos em sintonia".

Atentemos cuidadosamente para esse tema, pois, sem ele, não conseguiremos sair do emaranhado confuso das idéias materialistas em que temos vivido, e que ainda dominam a generalidade dos chamados "homens de ciência", do nosso Planeta, idéias essas que nos têm mantido atados ao mundo dos efeitos, lançando um profundo cone de trevas sobre as verdadeiras causas da Vida, sobre a essência das verdadeiras causas de todos os fenômenos vitais.

soberem encarar, estudar e resolver esse gigantesco e promissor trabalho coletivo, que nos foi colocado sobre os ombros para o bem geral dos nossos semelhantes.

Todos nós estamos sendo chamados. Permanecemos, pois, no trabalho ativo e cristão para um dia podermos ser também dos "escolhidos", dos que soberam permanecer fiéis às suas promessas e aos seus propósitos de lutar no bom trabalho de redenção, cumprindo o seu dever diante das determinações do Alto e diante das ilimitadas necessidades de toda a Humanidade.

## AMA E SERVE

A glória do amor repousa invariavelmente na conjugação do verbo servir. Sem atividade incessante no bem, não conseguiremos derramar os valores do coração.

A própria natureza é um livro aberto nesse sentido. Tudo, em torno de nós, é um cântico de trabalho em sublimes doações da Eterna Bondade, que se evidencia no mundo, de mil modos diferentes, em cada instante de nossa vida...

Por amar, em nome do Pai Misericordioso, serve o sol, sustentando todas as criaturas; serve o chão, nutrendo a sementeira; serve a nuvem, conservando a chuva benéfica; serve o vento, a serviço de abençoadas fecundações; serve a árvore, para que o bem-estar do homem se consolide; serve o fruto no celeiro do pão; serve a flor, preparando a colheita; serve a fonte, socorrendo a terra necessitada; serve a pedra, garantindo a segurança do lar; serve o pássaro, cooperando com o lavrador; serve o mar, serve o rio, serve o adubo, serve o fogo...

Forças de Deus amparando a Humanidade ajudam em silêncio, sem retribuição e sem queixa...

Tudo porque o Divino Amor é devotamento, carinho, providência, abnegação...

Se desejas, desse modo, partilhar o concerto das bênçãos divinas, ama e serve, sem cogitar de ser amado e sem a expectativa de ver-se servido...

Quem ama realmente nada pede, nada reclama, nada exige e nada procura senão a alegria do objeto amado, para que o amor se estenda, a multiplicar-se, soberano e sem fim.

Enquanto esperas o manto ilusório das considerações humanas, teu amor sofre a vizinhança da vaidade...

Enquanto aguardas a compreensão dos outros, com respeito ao teu curso fraterno, teu amor experimenta a inquietante aproximação do egoísmo...

Ama simplesmente.

Ajuda sem paga.

Dá sem reclamação.

Auxilia sem exigência.

E, servindo cada vez mais, serás um dia surpreendido, em pleno campo de trabalho, pelo Divino Servidor que te converterá com a sua luz em nova luz para a Terra e para os Céus.

EMMANUEL

(Mensagem recebida por Francisco Cândido Xavier, em 18-9-53, em Pedro Leopoldo).

tas, essa luta será um testemunho de fé na palavra do Cristo e será o nosso batismo de fogo no que respeita à aceitação consciente dos fundamentos filosóficos dos Evangelhos. Se permaneceremos nos seus princípios até o nosso último alento, esclarecendo, amando e perdendo sempre, então seremos verdadeiramente discípulos d'Ele, e, por intermédio d'Ele, teremos conhecido a Verdade, a qual nos tornará livres.

E' para essa luta redentora, através do idealismo espiritualista e altruísta, que o movimento de unificação conclama, nesse instante, os espíritas de todo o Brasil.

No seu IV Congresso, a realizar de 9 a 11 p. f., a USE reunirá novamen-

te todos os seus componentes. Que cada núcleo traga para o mesmo uma concepção mais profunda e mais amadurecida do conceito de unificação, das vantagens e das responsabilidades que daí decorrem; que estude com acurado desvelo os seus melhores meios de organização e de execução, para que possamos, todos juntos, fraternalmente, trabalhar para a causa que nos congrega, qual seja a da melhor compreensão da Doutrina Espírita, sua mais eficiente difusão e sua consolidação progressiva no setor social.

O futuro e a produção do movimento de unificação estadual dependerão sempre da compreensão e do idealismo com que os espíritas de São Paulo

# A CONVERSÃO DE RICHET

Sérgio Vale

Não foram muito felizes, até hoje, os acadêmicos que se transviaram pela fenomenologia espírita: os seus colegas materialistas sempre lhes dão como prêmio o ridículo e lhes recusam qualquer cheiro de santidade científica. Foi o que aconteceu com Richet, Lombroso e Crookes. O fato explica a abstinência e a atitude desdenhosa de muitos medalhões. Julgam-se tribunais de última instância em todos os assuntos, inclusive os da espiritualidade. De Rochas e Fururai são demitidos de suas cátedras. Livraram-se da fogueira acesa pelos cientistas ateus, porque os tempos são outros; mas ficou provado que nada se parece mais com a feroz intolerância da fé religiosa do que a intolerância não menos desumana da fé materialista.

Gibier, além de demitido de suas funções, expatriou-se, para viver em paz. Nem foi por outras razões que Richet relutou na aceitação da "hipótese espírita", confessando-se a Bozzano na undécima hora, mas ainda assim, *muito confidencialmente*.

A riqueza dos fatos supranormais é tão nababesca, é tão cumulativo o testemunho dos sábios materialistas, de pastores protestantes, de altas autoridades do clero romano, do teosofismo, do esoterismo e da doutrina lóga, que os próprios espiritistas, nas suas distrações, costumam atrair pelas janelas provas e documentos de primeira ordem.

Em geral, no Brasil, apegam-se mais ao evangelismo do que ao aspecto científico e filosófico, que dá ao Espiritismo o seu caráter de originalidade e a sua irresistível faculdade de penetração no meio culto.

Houve um sábio, e dos maiores, que trabalhou arduamente, durante mais de quarenta anos, com o material da supranormalidade. Registrou centenas de fatos, usando sempre, como Professor de Fisiologia e de Psicologia, os métodos experimentais, que o tornaram imortal. Deu à luz livros imortais, universalmente conhecidos, mais ainda ignorados da nossa tumular língua portuguesa. Em tais obras, o leitor se surpreende com o paradoxo, que somente se deslindou nos últimos meses de vida desse metapsiquista.

De cem materialistas que presenciavam, durante tantos anos, o que ele presenciou, 99,9% deixariam de lado as suas teimosias. De cem cardeais da estirpe do Cardeal Lépicier, que se intralhassem do que se inteu-rou, todos diriam o *mea culpa*. O próprio Silva Melo, multiplicado por cem ou por mil, em virtude do lastro de fantasmas que já carrega consigo, isto é, do medo pânico em que vive, converter-se-ia na primeira experiência de uma série de 10 ou de mil.

O sábio metapsiquista, que estudou o médiumismo a vida inteira, mas que nunca apresentara com firmeza e convicção a sua hipótese para explicar os fatos protocolados, ora parecendo crer, ora descrever; que manteve polêmicas memoráveis, porém serenas e respeitadas, com Ernesto Bozzano, Sir Oliver Lodge e Myers, faleceu no dia 4 de dezembro de 1935. Por defender com energia, veemência e coragem a inequívoca realidade da fenomenologia espírita, sofreu agruras de que, até hoje, não se agradam de memorar os seus descendentes.

Do que todo o mundo se admirava não era de que Richet defendesse os fatos, pois Crookes, Lodge, Wallace Russel, Lombroso também o fizeram, embora não se lhes aferrassem com tamanha bravura, tão inalterada dedicação, tão rematado fervor. *O que intrigava era a demora da confissão final*, tão explicitamente se deduzia a hipótese espírita das suas demonstrações experimentais. O próprio Silva Melo, tão desdenhoso de tudo que

não seja seu, em momento de lucidez, articulava:

"A vaidade, o amor próprio, o complexo de superioridade são fatores que podem explicar o fato, conservando arraigada qualquer das nossas convicções, mesmo quando a sua irrealidade já foi demonstrada com um excesso de provas".

O nosso Imbassahy suspeitou inteligente e generosamente, que Richet fóra ousado no terreno dos fatos, mas receoso do sorriso dos seus pares e dos motejos da Academia; por isso deixara, de caso pensado, a porta aberta aos espíritas, para que estes lhe provassem o erro. *"Sem se incompatibilizar com os colegas"*.

Richet mesmo já dera as razões por que o conhecimento dos fatos não basta para gerar a convicção espíri-

ta: é mister algum tempo, disse êle, e mais o *"hábito intelectual"*, para a gestação e a parturição da *"hipótese espírita"*.

Estava, por conseguinte, como se discursa nos tribunais de júri, perfeitamente demonstrada e caracterizada a intenção criminosa do réu, pela sua história progressa e pelos seus antecedentes.

A afirmação leviana de Silva Melo — "Richet acabou por afirmar categoricamente que não acreditava em nenhum fenômeno espírita" — eis o que Richet lhe responde, por intermédio de Ernesto Bozzano, seu eminente colega e amigo:

CONFIDENCIAL (in "PSYCHIC NEWS", de 30 de maio de 1936)

Meu caro e eminente colega e amigo:

Sou inteiramente do seu parecer: não creio, com efeito, na explicação simplista segundo a qual os aconteci-

mentos da nossa existência e a direção de nossa vida são provocados exclusivamente pelo acaso, embora não seja possível apresentar prova nesse sentido. O Fado existe, o que equivale a dizer: uma Força que nos guia e conduz aonde bem lhe pareça, por vias indiretas, tortuosas e muitas vezes bizarras. E, também fora da direção da vida, há coincidências tão estonteantes, que é bem difícil não se veja a obra de uma intencionalidade. (De quem? De quê? E, AGORA, ABRO-ME A VOCE, DE MODO ABSOLUTAMENTE CONFIDENCIAL. O QUE VOCÊ SUPUNHA É VERDADE. AQUILO QUE NÃO ALCANÇARAM MYERS, HODGSON, HYSLOP e SIR OLIVER LODGE, OBTIVE-O VOCE POR MEIO DE SUAS MAGISTRAIS MONOGRAFIAS, QUE SEMPRE LI COM RELIGIOSA ATENÇÃO. ELAS CONTRASTAM, ESTRANHAMENTE, COM AS TEORIAS OSCURAS QUE ATRAVANÇAM A NOSSA CIÊNCIA.

Creia, peço-lhe, nos meus integrais sentimentos de simpatia e de GRATIDÃO.

CHARLES RICHERT."

As razões pelas quais alguns espíritas se abstêm diante de um documento desse teor, *duas vezes* recomendado como CONFIDENCIAL, são irrisórias e vãs. Revelam uma teimosia que é apanágio dos inimigos da Doutrina.

Esquecendo-se de que a carta é uma confissão de tremendas consequências para a vida científica e social do seu autor, vida que se extinguiu, infelizmente, logo após, alegam alguns que Bozzano não a confirmou (como o poderia fazer?), outros que o seu conteúdo é meio obscuro, outros que devemos preferir, para julgamento, tão somente as grandes obras de Richet sobre o Espiritismo.

Uma confirmação de Bozzano, diretamente interessado e comprometido no caso, pois a êle se atribui todo o trabalho e todo o merecimento da conversão de seu amigo — não se contentaram com a quebra do sigilo, *duas vezes* recomendado! — só seria exigível se houvesse suspeita de que o severo e desapassionado Bozzano se equivocara ou mentira.

A obscuridade do documento e a preferência pelas obras clássicas do mestre são argumentos que só poderiam ocorrer a sofistas ou aos inimigos da Doutrina, os tais que vêem fraude em tudo e imbecilidade em toda a gente. Os motivos engenhosos que Miss Bubb aduziu, no artigo em que comenta o notabilíssimo documento (Vide o livro "Silva Melo e os seus Mistérios"), para coonestar a quebra do segredo — *prejuízo para a reputação futura de Richet, quando a sobrevivência for aceita por todos, assim como a impossibilidade de qualquer dano para êle, já libertado pela morte da ironia dos seus colegas da Academia* — se não agradaram a ciência das causas mínimas, claro que a nós se nos afiguram muito louváveis e justificados.

A situação final de Richet equivale, na história do seu acidentado metapsiquismo, à Ilha de Santa Helena para Napoleão, situação que seria também muito obscura e sintética, mas somente para quem não conhecesse toda a história anterior do corso.

Se as nossas razões não convencerem ninguém, por nossa culpa, a leitura e a meditação da carta, agora permanentemente à vista dos incredulos e dos sofistas, em francês, inglês e português, com o tempo e paciência, hão de produzir os seus efeitos.

## As Duas Maneiras de Viajar

Mário RODRIGUES MONTEIRO

Êça de Queiroz afirmou certa vez em uma de suas crônicas, e a propósito de viagens, que conhecia duas maneiras de viajar: Por dentro e por fora.

O grande romancista de "OS MAIAS" assim definia essas duas formas de vagar através do planeta:

Viaja por fora, dizia êle, a imensa maioria dos turistas — o viajor que, de Baedeker em punho, desce certa manhã, esbaforido, de um "express" fumegante qualquer, corre ao hotel mais próximo, engole à pressa um "bouef-à-la-mode" de mesa redonda, sai, ainda esbaforido, e esbaforidamente percorre, à tarde, quatro ou cinco museus, três jardins públicos, meia dúzia de monumentos nacionais e, à noite, depois de ter enviado, "in memoriam", os tradicionais cartões-postais a todos os parentes e amigos e de ter feito fotografar em atitude superiormente solene ao lado de alguma girafa de jardim zoológico, embaraçada arquejante pelos corredores de um outro "express" que o levará à capital mais próxima a continuar a deglutição por atacado de museus, jardins e monumentos...

Ainda segundo o fino humorista de "O CONDE DE ABRANHOS", viaja em geral por dentro o homem menos superficial, quase sempre psicólogo, curioso das maneiras de ser dos outros povos, das suas tradições, da sua arte, da sua literatura, da sua história, do seu folclore. Assim, a viagem por dentro, cheia de vagares, de estudos, de finas observações permitiria por certo traçar um retrato fiel do povo estudado, ao passo que a viagem por fora nem chegaria a produzir uma criatura...

Muita razão tinha sem dúvida Êça de Queiroz, quando assim definia as duas formas de viagem. Mas — é força confessá-lo — a verdadeira viagem, a viagem por dentro, tal como êle a concebia, com produzir resultados brilhantes, só estaria desgraçadamente ao alcance de mui reduzido número de eleitos da fortuna.

Com efeito, estabelecer-se por longos meses em cada país, para conhecer-lhe a fundo as peculiaridades, exige, em primeiro lugar, folgada abundância pecuniária e, além disso, extenso conhecimento de línguas, pois é evidente ser perfeitamente inútil tentar bem conhecer qualquer país, mesmo passando nêle muitos meses, sem lhe saber o idioma. Mas aprender pelo menos as seis ou sete línguas mais amplamente faladas, a fim de poder viajar proveitosamente através de grande parte do mundo, já representa, por si só, empresa gigantesca, capaz de fazer recuar os mais afoitos.

E, no entanto, pode ser relativamente fácil viajar por dentro — isto é, matando pausadamente velhas curiosidades, recolhendo materiais interessantíssimos — quando se é Esperantista! A quem não saiba o que é atualmente o Esperanto, qual a sua disseminação, qual o número dos que o empregam, a afirmação pode parecer temerária. Mas não é, e vamos demonstrá-lo:

Economicamente, viajar, sendo Esperantista, não é caro. Sem contar que os esperantistas gozam sempre de reduções especiais de transporte quando se dirigem nos seus congressos anuais, é por outro lado comparativamente frequente ler em jornais esperantistas de todo o mundo, anúncios como êste, por exemplo, destacado de certo periódico esperantista, muito interessante, publicado na Holanda:

"O Sr. E. V., residente à rua X, em Gent, Bélgica, oferece hospitalidade em sua casa, durante o verão, a Esperantistas que deseje passar alguns meses na Bélgica. Em troca, aceitará passar igual período de tempo em casa de seu hóspede, durante o inverno seguinte".

Eis aí, pois, resolvido o problema das viagens por dentro: Despesas diminutas e ingresso imediato em círculo familiar, isto é, no ambiente mais propício para estudar a fundo o caráter do povo cujo habitat e costumes se desejam conhecer.

Nesse ambiente, já de si tão propício, fala-se, ademais, o Esperanto, língua naturalmente familiar ao hóspede, leitor do jornal esperantista em que o anúncio foi publicado.

E como o Esperanto se acha espalhado por todo o mundo, como a todas as grandes cidades do globo chega a organização mundial dos esperantistas, é claro ser lastro perfeitamente dispensável e inútil o conhecimento de cinco ou seis línguas. Basta uma, apenas: O Esperanto.

Êça de Queiroz não chegou, ao que nos consta, a travar conhecimento com o Esperanto nem, por conseguinte, a lhe compreender a profunda significação. Sem o que, o espírito curioso e clarividente do autor de "A Relíquia" não teria deixado de vislumbrar as inúmeras vantagens e simplificações que o advento da língua zamenhofiana viria trazer no domínio das viagens e em muitos outros da vida humana.

# Secção da Criança

Luiza Pessanha Camargo BRANCO

Márcia correu para abrir a caixa do correio do portão grande. E' que vira o carteiro pôr uma porção de coisas dentro da caixa.

Ah! pensou a menina, com certeza tanta carta é respondendo à pergunta que você Luiza fez no número passado do jornal da USE — que se chama — UNIFICAÇÃO. Vou ver e tomara que as respostas para o teatrinho sejam mais que as outras. Isso de responder pergunta, decifrar charadas e ter que ficar pensando, não é comigo. Eu gosto é de movimento, como dizem as meninas grandes lá da escola.

Márcia abriu a caixa do correio, mas ficou muito triste. A correspondência era quase toda para o Papai e para Mamãe. Muito poucas cartinhas traziam no envelope o nome de Márcia.

— Viu, viu mesmo como ninguém gosta de teatrinho? Só querem é contar pontos quando acertam as perguntas. E eu que já estava pensando em escrever uma comédia para o nosso teatrinho.

Márcia, com todas as cartas na mão, ia atravessando o jardim quando se encontrou com o Papai. Ele disse, sorrindo:

— Que é isso, Márcia, você parece que está desapontada. Que lhe aconteceu?

— Ora, Papai, veja isto. Para o senhor e para Mamãe, uma porção de cartas e até revistas e jornais. Para mim, só isto.

— Deixe-me ver, Márcia. Dê-me as minhas e leve as de sua Mamãe. Depois do almoço vamos conversar a respeito da sua correspondência.

Márcia fez como o Papai disse e entrou no seu quarto sentando-se perto da mesinha. Foi abrindo as cartas e lendo. Pela carinha que fazia era certo que continuava aborrecida. Felizmente bateram à porta e quem estava ali era Laurinha. As meninas depois de se cumprimentarem sentaram-se para conversar e Laurinha, vendo as cartas abertas sobre a escrivaninha ficou contente, perguntando:

— Tudo isso são respostas para o nosso concurso?

— Tudo isso, repetiu Márcia fazendo um jeitinho de desprezo, tudo isso... você não vê que são muito poucas e, assim mesmo, quase todas dizendo que é muito difícil arranjarmos um teatrinho e que é melhor continuarmos com as charadas e as perguntas?

— Isso não quer dizer nada. Podemos fazer as duas coisas. Quem gosta de teatro trabalha para conseguir o teatro. Quem gosta de brinquedos e charadas continua gostando e se quiserem ir ao nosso teatro só poderão ir se nós deixarmos.

— Isso, isso mesmo. Vamos falar com Papai. Ele nós há de arranjar o salão e...

— Já está arranjado, Márcia, disse Papai que estava parado perto da porta. Já está arranjado. Você e Laurinha, José e os outros que gostem de representar poderão, no próximo domingo, ir visitar o salão que arranji para vocês.

Márcia e Laurinha ficaram paradas um momento sem poderem falar de tão contentes. De repente as duas correram e abraçaram tanto Papai que ele nem pôde falar. Quando Papai conseguiu que as duas se sentassem e pôde falar, ainda Márcia e Laurinha estavam rindo de contentes e batendo palmas.

— Que engraçado, Papai, até Laurinha também abraçou o senhor como se também fosse sua filha. Ah! mas estamos mesmo muito contentes!

Laurinha ficou meio envergonhada de ter abraçado o pai de Márcia. Mas ele tornou a abraçar Laurinha e disse:

— Muito obrigado, minha filha, pelo bom abraço que você me deu mostrando que estava alegre e que me quer bem. Eu também quero muito bem às meninas e aos meninos que são amigos da minha Márcia. Fica combinado, domingo vamos visitar o salão e já podemos escolher uma boa comédia...

— Eu já pensei em escrever uma, Papai.

— Muito bem; mas, até escrever demora. Enquanto você vai escrevendo a sua, já tenho uma escolhida. Depois da visita ao salão vou ler para vocês ouvirem e vamos ver se todos acham bonita a comédiazinha.

— Quando eu digo que o meu Papaizinho é formidável...

— E' mesmo, concordou Laurinha. Mesmo os que só gostam de charadas gostam muito do senhor, afiançou a amiga de Márcia.

— Então tudo está bem. Como gosto muito de vocês fico contente de saber que vocês também gostam de mim.

No domingo seguinte o Pai de Márcia ficou esperando que todos os que preferiam o teatro se reunissem para irem visitar o salão. Enquanto esperavam, ele foi fazendo oadiuinhações para os que preferiam esse divertimento.

1 — Que é a USE?

2 — Que quer dizer — Evangelho?

3 — Jesus gostava muito de crianças?

4 — Quem disse isto: Deixai que as crianças venham a Mim e não as estorveis, porque delas é o Reino dos Céus?

5 — Quem era João Batista?

6 — Quem era João Evangelista?

7 — Quem era Judas Tadeu?

8 — Quem era Judas Iscariotes?

9 — Qual é a oração que termina assim: teu é o reino, o poder e a glória?

10 — Quem já viu a FÉ?

Mandem as respostas para a Caixa Postal, 3.946 — Capital. Mandem para que Marcinha não fique triste se vierem poucas respostas.

## O LIVRO DOS ESPÍRITOS E SUA TRADIÇÃO HISTÓRICA E LENDÁRIA (1)

CANUTO ABREU

(Continuação)

X

SOLICITADO por alguns amigos, BAUDIN levantou-se e disse:

— Não sei fazer discurso e confesso-lhes o constrangimento de falar após oradores consumados.

— Mas estamos em família, diz RIVAIL. Entre Irmãos da mesma Crença.

— Entre camaradas do mesmo batalhão, aduziu CARLOTTI.

— Bem sei, continuou o orador. Não me atrevera entretanto se não me sentisse no dever social de agradecer ao Professor as expressões de amizade e carinho dirigidas à minha família. Desejo outrossim acrescentar alguns informes, ignorados de muitos, para completar as narrativas históricas que tivemos a alegria de ouvir. Contando fatos, fico mais à vontade, pois tiro à minha palavra o caráter de discurso.

— Você é ótimo causeur, diz ROUSTAN.

— Fui educado no Catolicismo. Não tive jamais inclinação por mistérios nem assuntos religiosos. Passei a meninice no campo, ajudando meu pai, e me tornei, muito moço, chefe de família. Continuo fazendeiro e industrial numa ilha distante, onde nasci e pretendo morrer. Ora, em 1853, meus labores agrícolas e comerciais absorviam todo o meu tempo. Da manhã à noite meu pensamento e ação iam dos canaviais para a usina de açúcar, dos cafezais para as tu-lhas e máquinas, da sede para os armazéns de embarque, mal tendo vagar de ler os jornais e revistas do Continente que nos chegavam com grande atraso, às vezes dum semestre. Em fins de 1853 a nossa Ilha da Reunião ardeu na febre da Mesa Rotante, que os jornais de Paris e outras cidades lhe levaram como a grande novidade dos tempos. Toda a gente cuidava do misterioso fato, até mesmo os padres. Clé-

mentine teve ensejo de assistir a uma experiência em casa de amigas, em Saint-Paul, e, de volta, reproduziu-a na fazenda perante mim, as meninas e diversos crioulos marrons, alforriados em 1848, mas nossos servidores ainda. Impressionei-me, confesso-lhes. Mas a explicação dos 'sábios', segundo os mesmos jornais, era de tratar-se dum fenómeno puramente 'magnético' e, em consequência, de ordem nimiramente física. Como o tempo não me sobrava para distrações dessa espécie e não vi no caso outra utilidade que a de divertimento de salão, deixei Clémentine e minhas filhinhas dedicarem-se, quase todos os dias, à Mesa Rotante. Numa tarde de domingo, morna e docemente ventilada, dei-me, como de costume, numa rede da varanda, para descansar um pouco da labuta e tomar conhecimento dos jornais da França. Estava enfrontado nos enredos políticos quando a crioula Martinique, ama das meninas, me veio dizer que a 'patroa' me chamava à Mesa Rotante com urgência. Mandei-a de volta com o recado de achar-me, no momento, entretido com a leitura de assunto que me interessava, e, por isso, esperava ser dispensado de acudir ao chamado. E permaneci em suave balanço, fumando meu cachimbo, sem desviar a mente da leitura. Não havia porém terminado o artigo quando me veio à lembrança o meu carregamento de açúcar, em mar alto naquele instante, se a viagem correrá bem, já livre dos terríveis escolhos do Cabo da Boa Esperança, rumando em pleno Atlântico na direção de Nantes. Eis quando surgiu Caroline à porta da varanda, dizendo-me: — "Papai, venha depressa!" Sentei-me na rede, dum salto, mas sem mostrar desejo de apressar-me. Caroline, vindo a mim, disse-me carinhosamente, sem o seu sorriso costumeiro: — "Paizinho, o Espírito quer falar-lhe com urgência. Diz ser negócio muito sério. Traz-lhe notícias do Bois-Rouge". Ora, era justamente nesse barco que eu estava pensando ao ser in-

terrompido pela Menina. E imaginei de pronto, como todo Magnetista: — "Quem sabe se meu pensamento foi captado pelo cérebro de Clémentine, que muita vez tem vibrado uníssono com o meu? Ou pelo de Caroline, muito afinada comigo, ou mesmo de Martinique, a minha velha 'Mãe Preta'?" Disfarçando a suposição, mas querendo apurá-la para meu governo futuro, respondi à minha filha: — "Bem, querida, vamos ver se tal Espírito sabe mesmo alguma coisa de nosso navio". E, segurando-a pela mão, em silêncio, ganhei a sala de costuras onde estava reunido o grupinho familiar. Ninguém articulou palavra. Guardavam um silêncio fúnebre. Sentei-me ao lado de Clémentine depois de colocar ao meu uma cadeira para Caroline. E, dando-me ares de condescendente com a brincadeira, falei à mesinha de junco: — "Então, caro Espírito, que me quer contar que eu não saiba?" E a Mesa bateu rapidamente: — "Sou o Capitão RÉGNIER, Comandante do Bois-Rouge". Repliquei-lhe: — "Muito bem. Que veio fazer aqui, meu Comandante? Deixou seu corpo dormindo, no navio?" E o Espírito rebateu com a perna da Mesa: — "O Bois-Rouge foi a pique nós recifes do Simon's Bay há dez dias. Perecemos todos. Não pudemos salvar o navio apesar da bravura de meus marinheiros. Assim DEUS quis...". Malgrado meu inveterado incredulismo, sempre na suposição de blagues, fiquei apreensivo. Contudo, mantendo espírito forte, respondi: — "Se isso é verdade, deploro o acontecido, lastimo profundamente sua morte e a dos bravos marinheiros. Não me leve porém a mal se, para rezar por sua alma e pela de nossos marinheiros, eu aguardo a notícia oficial do desastre". Respondendo-me, bateu o Espírito estas palavras: — "A notícia oficial só lhe virá daqui a quatro meses. Então, se DEUS me permitir, voltarei cá, se chamado, para lhe dar pormenores do naufrágio, caso isso lhe seja ainda interessante". E a Mesa foi tomada em seguida por outro Espírito que tratou

de novos assuntos. Não é difícil, Senhoras e Senhores, calcular como vivemos durante a falta de notícia exata do Bois-Rouge. Digo 'exata' por 'oficial'. Minha mulher, a sustentar o naufrágio com uma intuição firme, e eu, a duvidar cada vez menos das palavras do Comandante. A Martinique, indiscretamente, incumbiu-se de espalhar a novidade pela fazenda, convidando os pretos a rezares nos nossos homens do mar. Dada a nossa posição de relativo destaque, não exagerei dizendo que toda a Ilha, e mesmo a de Mauricie, tiveram conhecimento do 'aviso espiritual' dado pela nossa Mesa. Indagada por gente amiga, minha família e eu próprio nos vimos forçados a narrar a revelação. E cada ouvinte, apoiado em nossas palavras, levava a nova a outros acrescidas de boatos infundados e fantasistas. O Vigário de 'Saint-Paul', nosso velho amigo, veio em pessoa à fazenda certificar-se do caso, e paternalmente, como de seu hábito, ponderou-nos ser bem possível uma artimanha do Demônio para me desmoralizar perante a sociedade, levando minha família ao ridículo: — "Já se sussurra por aí que Vocês estão meios loucos...". No seu parecer paternal, convinha-nos deixar de 'brincar' com a Mesa, mesmo porque, argumentava: — "Os Bispós, no Continente, já interditarão aos Católicos a prática do 'Spiritualismo' americano". Imagine-se pois o espanto da Ilha

(1) A 'primeira parte' desta narrativa termina com este número. A segunda, por se passar toda em Outro Mundo, entre Espíritos presentes à reunião de RIVAIL, não deve, a nosso ver, ser lida em folhetim, mas dum só feita. Como já anunciado aqui, a obra vai aparecer em livro.

O autor aproveita o ensejo para agradecer, penhoradamente, aos generosos leitores que se dignaram da de dirigir palavras de estímulo. Manifesta-se particularmente grato aos ilustres dirigentes de 'Unificação', sobretudo ao redator João TEIXEIRA DE PAULA, que teve o encargo, desempenhado com maestria de Gramático, de revisar as provas tipográficas. Foi o primeiro leitor.

A Igreja Católica, nos fins deste mês, moveu uma campanha, na cidade de Ribeirão Preto, contra o Espiritismo.

Pela boca de um dos seus mais categorizados sacerdotes, deu início, publicamente e através das suas estações de rádio locais, às suas diatribes, visando não o esclarecimento dos fiéis — o que seria louvável —, mas a confusão de princípios doutrinários.

A União Municipal Espírita daquela cidade, em face desse movimento de intolerância, tão antipático por si, tomou a atitude que lhe cumpria e era a única: reuniu os Centros Espíritas, discutiu a questão à luz do Evangelho, e, dada a desproporção de direitos, tanto na palavra como nos temas e nas condições de ambiente, resolveu não tomar parte direta na discussão, que por certo redundaria em palavrorios ocios, sem nenhum alcance espiritual. Limitou-se ape-

nas a fazer uma exposição de princípios, dando os necessários esclarecimentos sobre o assunto.

Aliás essa medida de interesse doutrinário — a não participação nas perguntas e nos debates que estavam sendo capciosamente preparados pelos padres — foi aprovada em elevadas mensagens de entidades espirituais, como Eurípedes Barsanulfo, que recomendou calma, serenidade e oração, terminando por concitar os Confrades a dar o testemunho cristão, não só pelas palavras, mas também pelos exemplos, a fim de que o povo soubesse avaliar a conduta de uns e outros, deixando a Deus o cuidado de tirar o melhor partido que lhe conviesse para os desígnios do seu Amor.

Andou muito bem a UME ribeirense, cuja ação aprovamos.

Ensinou Allan Kardec, e com muito acerto, que a "liberdade de consciência é consequência da liberdade

## O Clero e o Procedimento exemplar da União

de pensar, que é um dos atributos do homem; e o Espiritismo, se não a respeitasse, estaria em contradição com os seus princípios de liberdade e tolerância".

Ensinou ele também que a tolerância é fruto da caridade e que constitui a base da Doutrina Espírita, impondo ao crente um dever: o de respeitar as demais crenças.

Os postulados progressivos da Doutrina a põem a coberto de malabarismos teológicos. A Doutrina aceitará o que houver de bom, novo e científico; e a Igreja está longe de oferecer algo nestas condições, porque se não é retrógrada, é retardatária nos seus esquemas religiosos.

A Igreja, conforme pondera Karl do Prel, ainda não se libertou dos seus erros geo e antropocêntricos seculares, não concedendo, por exemplo, senão ao homem, a natureza metafísica, o que não se justifica diante dos conceitos da evolução e da psicologia animal.

Ela — e não vai nisto nenhuma aleivosa — não pode absolutamente contrapor as suas afirmativas abstratas aos fatos concretos do Espiritismo. O além-túmulo da Igreja, piégas sob qualquer ponto em que o encaremos, está muito para cá da realidade dos fatos supranormais, que o Espiritismo, graças à sua tese da imortalidade e da comunicabilidade dos Espíritos, apresenta ao mundo

**Congressistas:** O IV.º Congresso da USE é o «Congresso da Consolidação». Sua vigilância, tanto sobre os assuntos de unificação essencial como relativamente aos Valores Morais humanos, será a maior contribuição para se consolidarem os ideais da USE, que o Alto inspira e observa.

quando, quatro meses após, nos chegou a notícia oficial do naufrágio do Bois-Rouge, verificado na época e no lugar precisamente indicado pelo Espírito! Não era de maneira nenhuma possível ter alguém na Ilha conhecimento de tal fato "dez dias depois" da ocorrência, em ponto quase inavaliável e quase tão distante de nós como de Paris. Desde aí, profundamente abalado, levei a sério o "Spiritualismo" contra a opinião católica da Ilha, que passou a olhar minha família de soslaio, como gente "danada". Esse fato ocasionou grande mudança no ritmo corriqueiro de nossa vida insular, razão por que o considero "providencial". Com o Vigário à frente, que nos indignava "paternalmente" como possessos e "fregueses desobedientes", principiamos a ser alvo das mais duras críticas pelos "devotos obedientes", que constituíam a maioria da população. Pessoas injustas chegaram, por mera deslealdade comercial e desejo de afastar-me da concorrência, a acusar-me do responsável pelo naufrágio, provocado intencionalmente por mim com o fito de lesar uma companhia de seguros marítimos. Não hesitaram em dizer que eu havia pago ao Comandante REGNIER para meter o barco a pique a fim de receber o seguro de mercadoria inexistente nos porões do navio. Um jornaleco da Ilha foi mesmo a insinuar que, segundo os entendidos, o Bois-Rouge estava "caindo de podre" e fôra seguro por preço "três vezes superior ao real". Dentro da própria fazenda os ex-escravos, desconfiados da sanidade mental de minha família, faziam rezas batuqueiras no terreiro, com danças e cânticos idólatras à volta de fogueiros, para afastar as Almas dos marinheiros mortos e sedentos de vingança. A professora das Meninas, que vinha um dia sim outro não à fazenda, despediu-se, amedrontada, e espalhou a nova de que Clémentine e Martinique eram "bruxas". Enfrentando resolutamente a hostilidade geral, entrei a dirigir pessoalmente as sessões do "Spiritualismo", e a pregar aos meus interpelantes a verdade sobre os Mortos.

\* \* \*

— FOI ENTÃO QUE, nessa nova fase de nossos trabalhos, se nos apresentou pela primeira vez, em substituição a outros Espíritos familiares, o nosso Guia atual, cujo verdadeiro nome em qualquer de suas encarnações jamais obtivemos. A Ilha da Reunião, como Vocês sabem, é uma terra dotada do melhor clima do Mundo. Segundo o nosso Guia, é uma insulândia que sobre-restou ao continente imergido da Lemúria, dando razão aos nossos poetas crioulos, que acreditam haver realmente existido um Paraíso Terrestre. Os ventos, ali, sopram constantemente e com suavidade própria dum Eden. Os jmaís frios alternam-se com os mais quentes, mesmo nas curtas estações não inverniais. Durante o dia o mar de prata e esmeralda, que cinge aquêle jardim flutuante, envia seus aliseios à terra, que sobem até as altas montanhas de neve. Durante a noite desce dos montes nevados e corre pelas ravinas e campos o hálito perfumado das selvas, o qual penetra o mar até altas distâncias. Os nautas e passageiros que demandam a Ilha sentem de longe essas ondulações aéreas carregadas do aroma calmante das flores de laranjeira ou dos odores melosos que emanam das usinas de açúcar. Pela nossa vez recebemos até os picos das florestas a maresia, que se aromatiza de nossas essências à medida que passa pelos canaviais e sobe as encostas de cafeeiros. Esse ritmo respiratório de nossa insulândia criou lendas e inspirou poetas, e levou os geógrafos primitivos a dividi-la em duas partes, a zona dos ventos montantes e a zona dos ventos cadentes, zonas que variam de posição segundo prevaleça por maior tempo, durante o ano, a brisa do mar, sempre úmida e plena de chuva, ou a brisa da terra, sempre untosa e repleta de essências aromáticas. Ora, precedendo a aragem que desce em ondas invisíveis para o oceano encrespado, passa pelos nossos campos, na curta calma que marca a mudança da direção dos ventos, um sópo amensíssimo que a Ilha, pela boca de seus poetas, denomina Zéfiro. Foi esse o apelido dado por Clémentine ao nosso Espírito Familiar porque, interrogado a respeito dum

nome pelo qual o pudéssemos evocar, respondeu-nos: — "Chamam-me pelo que sou: O Zéfiro da VERDADE. Anuncio a próxima descida dos eflúvios celestes que a VERDADE irradiará pelo Mundo".

\* \* \*

— UMA NOITE, INESPERADAMENTE, disse-nos ZÉPHYR: — "Vocês irão brevemente para Paris. BAUDIN arrumará os seus negócios; Émile entrará na Escola Naval; Caroline e Julie tomarão professoras mais competentes e... encontrarão seus noivos; e eu, ZÉPHYR, procurarei contacto com um velho amigo e chefe desde o 'nosso' tempo de Druidas". Naquele instante nem por sonhos cogitávamos de vir à França. Meus negócios e afazeres na Ilha exigiam assídua vigilância pessoal. Não tinha ninguém competente e de confiança absoluta a quem entregar a administração da usina e da fazenda. Dada a distância e a morosidade da travessia, apesar de já termos navegação moderna com maquinaria de vapor, minha ausência não poderia ser menor de um ano. A idéia de tal viagem era portanto inviável. Todavia, a partir dessa comunicação espiritual, nosso desejo de vir ao continente se tornou continuo, crescente, obsidante. Poucos dias depois do aviso de ZÉPHYR chegou-me de Paris uma proposta de negócio que me ensejava essa viagem: A concorrência do café e do açúcar brasileiros aumentava dia a dia, ameaçando tornar o Havre um rival cada vez mais forte de Nantes. O Governo de Sua Majestade estava interessado em ouvir a opinião de alguns produtores coloniais, e eu estava nominalmente apontado entre eles. E aqui chegamos em abril de 1855, há dois anos justos. Trouxemos conosco ZÉPHYR, ou, como diz Clémentine, ZÉPHYR nos trouxe consigo. A bordo, durante a longa travessia, fizemos alguns prosélitos entre passageiros e oficiais, que vinham à nossa cabine palestrar com o Guia. O Comandante, que já era meu velho conhecido, ficou meu amigo e proporcionou-me, em Paris, o conhecimento de Madame de PLAINEMAISON, sua parenta. Depois

dessa exposição, verdadeira maçada para Vocês...

— Não apoiado! — arteou CARLÓTTI. Interessantíssima.

— Ao contrário! — afirmou RIVAIL. Muito curiosa e instrutiva. Eu ignorava tais pormenores.

— ... podem os bons amigos que me ouvem aquilatar do valor dado por nós ao episódio seguinte: Certo dia de sessão, ZÉPHYR se fêz esperar um pouco e Caroline, com os dedos sobre a 'Tupia', aguardava-o cantarolando a Marselhesa. Ao se manifestar, o Espírito começou a bater, com o bico do lápis sobre a ardósia, o ritmo do Hino Nacional Francês, como a acompanhar a Menina que, assim entusiasmada, entrou a cantá-la em voz alta, em cooperação com Julie. Nós acompanhamos em coração a marcha triunfal e, terminado o último verso, o lápis escreveu: — "Nosso dia de glória já chegou". Não compreendendo o alcance da proposição, que permitia vários sentidos, pedi a ZÉPHYR se explicasse. E o 'Roc' (nome familiar do nosso lápis mediúnico), rabiscou: — "Vamos ter afinal o convívio de nosso velho Chefe Druidico". Perguntei ao Espírito: — "Aquele que Você esperava encontrar em Paris?" Resposta: — "Sim, éle mesmo, em pessoa. Você vai trazê-lo aqui. Caroline vai atraí-lo...". Nosso Guia gostava de pilheriar. Supomos que seria algum 'pretendente' da Menina. Insisti: — "Pode anunciar-me o nome dele para meu governo?" E o 'Roc' escreveu, destacando sílaba por sílaba entre hifens: — "AL-LAN-KAR-DEC". O nome era tão estranho que continuamos a duvidar da seriedade da comunicação. Por isso perguntei: — "Arabismo ou pilhéria?". Resposta: — "A Verdade". Quando, dias depois, tive a satisfação honrosa de convidar Monsieur RIVAIL a frequentar nossos trabalhos espirituais, eu estava absolutamente longe de imaginar que ia franquar minha casa humilde ao antigo Pontífice Druidico que éle foi. Pareceu-me portanto, caros amigos, em face de tais fatos, não haver 'precipitação' nenhuma em CARLÓTTI quando considera, desde já, o Professor RIVAIL como um missionário.

# Espiritismo

## Municipal Espírita de Ribeirão Preto

filosófico-religioso de maneira cientificamente experimental.

O *Roma locusta est, causa finita est* (falou a Igreja, nada mais há para dizer) já está, há muito tempo, perdendo o seu valor axiomático. Não podemos perceber como se há ela de defender-se quando sabemos que um Laponi, médico de dois papas (Leão XIII e Pio X) confessa a "realidade e a exatidão dos fatos maravilhosos" do Espiritismo, ao qual por mais de uma vez teve um hino de louvor. E o que mais é, se assim apraz à Madre Igreja: quando um padre Th. Mainage, antigo Professor do Instituto Católico de Paris, proclama a bom som que se não envergonha de declarar, sem esperar se-

quer pelo veredito da ciência, que crê na objetividade dos fenômenos espíritos.

Ainda recentemente, em 1950, o reverendo padre Réginald Omez, doutor em Filosofia e Teologia, dando uma entrevista a *Cahiers Métapsychiques* sobre o Cristianismo e a Metapsíquica, não se pejou de parolar que a "Igreja não se pronuncia acêrca da natureza dos fatos espíritos: deixa à crítica filosófica e às ciências psicológicas o cuidado de analisar os fatos, descobrindo para eles uma explicação natural".

Foi baseado nesta e em infinitas outras declarações da Igreja, que Léon Denis não tergiversou em es-

crever que ela não sabe o que quer.

Andaram pois bem os nossos Confrades de Ribeirão Preto. Não fugiram, ante o perigo iminente, à sua responsabilidade de Espíritas. Em vez de porem mais achas na fogueira da intolerância, reuniram-se, oraram, e, na medida de suas possibilidades de homens e Espíritas, foram a público, em termos corteses, em palavras repassadas de humildade e carinho, para esclarecer a todos, crenças e descrentes, simpatizantes e indiferentes, que o Espiritismo tem uma finalidade certa: a purificação interna do homem, na frase de Emanuel.

Cumpriu-se à risca o preceito do Divino Mestre, que é o de amarmos ao próximo como a nós mesmos.

E a prova está em que os nossos Confrades logo de início alcançaram, pelo seu exemplo de tolerância e honestidade, uma bela vitória: a concessão, por uma firma comercial, dos

15 minutos radiofônicos que antes tinham sido concedidos à Igreja.

Puseram em prática, além dos ensinamentos da Codificação, a recomendação noturna e diurna da USE: unificar, esclarecer e tolerar. E' digno de louvor o fato de todos os Centros se terem, ao primeiro brado de alerta, reunido para a apreciação de medidas acatadoras dos interesses da Doutrina. Alcançaram uma vitória e com eles a USE, que se rejubila grandemente, porque vê, com olhos de ver, que a sua finalidade de unificação, esclarecimento e tolerância está sendo largamente compreendida e praticada.

A natureza divina, escrevia o Alexandre Herculano, não se toma; no entanto pode ser minada e aluída por uma guarnição desleal.

Cabe a nós, no que nos toca, não permitir que se mine e alua a Doutrina. E' o que fizeram, sensatamente, os Confrades de Ribeirão Preto. Estão eles pois de parabéns.

## «O Livro dos Espíritos e sua Tradição Histórica e Lendária»

Por CANUTO ABREU

Esta obra, em sua totalidade, vai dentro em pouco ao prelo. Grato pelo animador apoio dos frequentadores deste folhetim, pretende o autor homenageá-los com a prioridade da leitura do resto do livro em primeira edição, de poucos exemplares e com autógrafo especial. Só três meses depois de postos os volumes da primeira tiragem ao dispor dos homenagea-

dos, na sede da USE, é que a segunda, destinada às livrarias, ficará ao alcance do grande público.

Para estimativa da quantidade, solicita-se aos prezados leitores, porventura desejosos de participar da distribuição especial, a gentileza de enviar nome e endereço à caixa postal 1500, São Paulo. O autor agradece desde já.

A sociedade aplaudiu o orador com carinhosa salva de palmas.

\* \* \*

A NOITE IA AVANÇANDO para o meio. Alguns convivas pensaram em partir, levantando-se as Senhoras. Mas Ermance DUFAUX, mediunizada, pondo-se de pé na saleta de visitas, ergueu o braço num gesto elegante e autoritário de atenção. Um movimento de curiosidade correu a mocinha. Muitas sabiam que ela era médium. Ermance, quando o silêncio se fez, falou de voz clara, pausada:

— Caros Companheiros: Paz e alegria! Ouvimos atentamente as palavras de mútua informação e amizade trocadas aqui, nesta noite memorável para nós, os Espíritos. Rejubilamo-nos por vê-los comungando o sentimento da solidariedade não só em torno da Filosofia nossa, que O LIVRO DOS ESPÍRITOS hoje inaugura na Terra, como em volta da pessoa que recebeu de nós a missão de publicá-la. Minha voz interpreta neste instante o pensamento e o afeto coletivos de muitos Espíritos que compartilham desta comemoração. Todos estamos contentes. E' em nome deles que, data venia, entramos no debate. Ouvimos, enunciada e comprovada com clareza, a exposição duma tese que, embora antiga, não deixa de ser avançada no momento que passa, e que nos permitimos emitir desta forma: Onde impera a Mão da Providência não age a do Acaso, e a Providência se manifesta pelos acontecimentos. Eis aí uma tese que muita gente, mesmo entre os 'Spiritualistes', repele por inverossímil. No entanto, admite-se em geral a tese da Profecia que, na aparência material, é fato mais 'incrivel' por mais 'inexplicável'. Ora, se um evento 'futuro', isto é, 'remoto no tempo', pode ser previsto pelo homem em dadas condições mediúnicas ou magnéticas, é porque o evento obedece a leis. Leis que presidem aos acontecimentos. Admite-se igualmente entre os 'Spiritualistes' a tese da "Providência". E' lógico que ela, existindo, só se pode manifestar pelos acontecimentos. Daí a procedência da primeira tese, por nós

enunciada, e defendida nesta reunião com bastante discernimento. Nos eventos da vida cotidiana o verdadeiro sábio — que é em nossa opinião o homem de Fé — e o verdadeiro cientista — que é o homem da Técnica — podem, querendo, descobrir sempre o fio de uma 'Causa Providencial', embora aparentemente 'material': Todo 'evento' vem dum 'antecedente' que por sua vez procede doutro na cadeia ininterrupta que vai à 'Causa Providencial'. O homem 'imaturado' — célula da 'Massa Ignara' — tem dificuldades no seu processo primário do conhecimento. Contudo não ignora, pelo 'sentimento', que tudo quanto nos acontece vem da Vontade Divina. Vocês porém, mais avançados na compreensão, já entrevêm as leis que regem os acontecimentos. Já sabem que, na observação dos eventos diários, é indispensável não se olvidarem principalmente duas: Dum lado, a do Livre Arbitrio e, doutro lado, a do Progresso. E' de fato imprescindível ter sempre em vista esses dois fatores que condicionam os acontecimentos. No caso debatido por Vocês — o do missionário — não raro o homem, pelo livre arbitrio, passa a outrom a tarefa que, pela Lei do Progresso, lhe caberia em justiça. Isso acontece quando, por exemplo, pedindo e obtendo na Vida Invisível certa experiência carnal, o homem 'voluntariamente' recua, na hora da prova, por 'medo' ou 'fraqueza de vontade'. Não há 'crime' no recuo. Há porém 'atraso' no progresso espiritual. Todavia — e nisto está a importância da tese — o recuo 'jamais' constitui surpresa para a Providência Divina e o conhecimento dele vem pela cadeia espiritual, segundo uma disciplina hierárquica, até o Guia do homem que vai falir. A força moral de cada criatura é cientificamente conhecida de seu Guia. E é justamente com 'recuos' e 'avanços' dos homens, sob a vigilância dos Guias, que se opera a complicadíssima rede dos Designios de DEUS, rede que, no Mar da Vida, arrasta os homens para o seu destino, que é o Aperfeiçoamento da Alma. Para nós, que tivemos por força dos acontecimentos de comungar com Vocês na mesma tarefa de aperfeiçoamento na hora que

passa, é motivo de satisfação verificar que não houve entre Vocês, que aqui se acham, nenhum recuo nas missões que lhes foram confiadas. Cada qual no seu pósto importante — pois não houve, diga-se-lhes, pósto algum insignificante entre Vocês — cada qual, repetimos, usando do livre arbitrio sem temor nem tibieza, todos aceitaram tarefas e fizeram jus à Lei de Progresso. Todos corresponderam às nossas expectativas como entre nós estava 'previsto'. Nestas palavras não vai elogio mas o beneplácito dos Guias que nos propomos interpretar. Contudo, como Vocês mesmos percebem, o que foi realizado até hoje está muito longe do fim que lhes cabe atingir. Ainda lhes resta muito a executar até o limites preestabelecido para cada qual. Uma só existência não lhes bastará. Até aqui 'aprenderam'. E usamos o verbo no sentido platônico de 'recordaram'. Daqui por diante cumpre-lhes 'apostolar'. E empregamos o verbo no sentido cristão. E' imperioso à divulgação da Filosofia dos Espíritos, ora delineada em O LIVRO, que Vocês 'morram' como 'homens velhos' e 'se reencarnem' como 'homens novos', nesta mesma existência. Os Apóstolos do Espiritismo devem 'renascer' mental e moralmente. Só os assim 'renascidos' podem titular-se 'Espíritas'. Se Vocês não 'se gerarem' de novo na mentalidade e no moral, não implantarão o Reino dos Espíritos na Terra, em substituição ao Reino dos Deuses. Não lhes precisamos felizmente lembrar que foram 'chamados', com muitos, a testemunhar a Passagem do Espírito VERDADE pelo nosso planeta. Mas é mister dizer-lhes, por pura advertência, que foram 'escolhidos', com poucos, para esse testemunho. Ora, para testemunhar a VERDADE, não basta ser 'escolhido', é imperativo ser 'marcado'. E isso não depende da nossa vontade. Vocês é que devem querer ser 'marcados'. Por outras palavras: Cada qual precisa tornar-se aos olhos do Mundo um 'ser novo', uma 'entidade re-gerada', a fim de que os homens, que vão ser 'chamados' e 'escolhidos' pelo LIVRO DOS ESPÍRITOS, vejam, no exemplo vivo dos seus Apóstolos, que o Espiritismo vem para 'gerar de novo' Filhos

da VERDADE. Portanto, resta-lhes o mais difícil da prova que aceitaram: 'Viver como Espíritas'. Cumpre-lhes 'encarnar' na vida cotidiana a Filosofia revolvida pel'A VERDADE. Tem por isso razão o Professor RIVAIL: Não basta o que foi feito até hoje. Coligir e compendiar ensinamentos, preciosos por verdadeiros, é sem dúvida serviço relevante, merecedor de graças espirituais — que são os salários das Almas de Fé — as quais não faltarão jamais nos ajustes de contas dos homens perante o Tribunal da Providência. Mas, assim como à Mulher não basta a gestação e o parto para a glória de ser Mãe, na alta expressão do termo — pois só é verdadeira mãe a mulher que 'cria' o filho — também ao Apóstolo Espírita não bastam a elaboração e o lançamento da Filosofia dos Espíritos. E' lhe necessário, para não falir na missão, 'praticar' essa Filosofia, predicando os seus ensinamentos não só 'por palavras' mas sobretudo 'por exemplos'. E nós lhes anunciamos, caros Companheiros, que esse Apóstolo não será uma batalha de flôres e sim de epínios. Apresentar A VERDADE através dum livro, é uma coisa; defendê-la em campo de luta, é outra. Vamos agora, Vocês e nós outros, para a arena — como lhes falou o Professor RIVAIL. Vamos derrotar, na Terra e no Espaço, feras e gladiadores. Os homens e Espíritos, que nos ouvem dentro desta casa, fomos todos 'convocados' ou 'convidados' para a luta que será chamada, na História, a 'Batalha da VERDADE'. Não devemos temê-la nem fugir-lhe, mas saber que a batalha será terrível e que venceremos afinal. Venceremos o quê? A pergunta é fútil. Sabemos que nos cumpre vencer o principal inimigo de A VERDADE: O Materialismo. À luta, pois! Cada um de nós em seu sector, combatamos todos, 'sem hesitação', o Rancor oposicionista. Batalhemos todos, 'sem temor', a Rotina retardatária. Guerreemos todos, 'sem arrefecimento', a Perseguição. Mas, na luta, empreguemos somente as armas nobres dos Cavalheiros d'A VERDADE: A Humildade, a Prudência, a Tolerância, a Perseverância. Sim, essas as nossas armas. Na batalha da Luz

"COMO O BRASIL DEVE ENCARAR O SEGUNDO CONGRESSO DAS MOCIDADES ESPIRITAS DO ESTADO DE S. PAULO"

(Palestra proferida ao microfone da Rádio Tupi, programa "Hora Espiritual", pelo representante do Paraná, Luiz Gaitani).

O Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho — o nosso querido Brasil — deve encarar o II Congresso das Mocidades Espirititas do Estado de São Paulo, com grande simpatia e, mais ainda, executar suas resoluções na medida do possível, muito embora o Congresso seja de São Paulo.

Se assim afirmamos é porque a análise segura, fria e sem paixões assim dita. Senão vejamos:

1. Vinte e oito Mocidades da Capital e do Interior se fizeram representar por elementos capacitados, tomando os mesmos parte ativa e direta em todas as sessões plenárias, onde os problemas são expostos clara, precisa e lealmente.
2. A matéria constante na pauta de trabalhos foi o resultado das sugestões apresentadas por todas as Mocidades do Estado de São Paulo, que tiveram para tanto tempo suficiente para redigi-las de acordo com as necessidades e propósitos.
3. Essas Mocidades, como não poderia deixar de ser, representam o pensamento espírita moço do Estado, que é, sem favor algum, o atual vanguardário no setor das Mocidades Espirititas.
4. Para corroborar tais afirmativas, lembramos que, das sete Concentrações de Mocidades Espirititas do Brasil Central realizadas, cinco foram no Estado de São Paulo, e nas demais concentrações grande foi o número de Mocidades Paulistas presentes.

São Paulo, portanto, pelo seu II Congresso tem autoridade bastante para recomendar as resoluções finais do mesmo não só para São Paulo, como para todo o Brasil, uma vez que são elas ali-

## Ecos do Segundo Congresso das Mocidades

cerçadas em bases de segura auto-experiência, adquirida pelo trabalho.

Aliás, o Estado do Paraná, presente como especial convidado, abriu o desfile que deverá receber (temos certeza) apoio dos demais Estados, acatando extra-oficialmente as resoluções tomadas.

Atentamos, finalmente, que estaremos adquirindo base segura para posteriormente se estabelecer com sucesso os Congressos de âmbito Nacional.

Que o Brasil saiba, pois, receber carinhosamente e fraternalmente as resoluções do vitorioso Segundo Congresso das Mocidades Espirititas de São Paulo.

\* \* \*

### ESTATUTO PADRÃO PARA AS MOCIDADES ESPIRITAS

Damos abaixo as alterações verificadas no Estatuto Padrão em virtude das resoluções do Segundo Congresso das Mocidades, de conformidade com o trabalho da Comissão de Redação. Oportunamente, faremos publicar o Estatuto Padrão atualizado.

Em todos os lugares onde constar "Conselho Consultivo" alitre-se para "Conselho Diretor".

Art. 9.º — A Mocidade Espírita de ..... é dirigida por uma Diretoria composta de 10 membros e um Conselho Diretor composto de "x" membros.

Art. 10.º — A Diretoria será eleita pelo Conselho Diretor, em escrutínio secreto, e terá mandato de um ano.

§ 1.º — A Diretoria será composta de sócios quites com mais de "x" meses de Sociedade.

Art. 12.º — O Conselho Diretor será composto de ..... membros contribuintes há mais de um ano, maiores e capazes.

§ 1.º — Seus componentes serão eleitos em Assembléia Geral dos sócios.

§ 2.º — Qualquer sócio poderá apresentar nomes para fazer parte da Lista

de Candidatos ao Conselho Diretor, lista esta que será afixada na sede da Mocidade uma semana antes da Assembléia Geral.

Art. 13.º — O mandato do Conselho Diretor será de um ano e os seus membros poderão ser reeleitos.

§ 1.º — As vagas verificadas no Conselho Diretor só poderão ser preenchidas quando completarem e pela forma expressa pelo artigo 12.

§ 2.º — As vagas que se verificarem após 9 meses do mandato do C.D. não serão preenchidas.

§ 3.º — O Conselho Diretor elegerá entre seus membros o seu Presidente, primeiro e segundo secretários.

§ 4.º — O cargo de Presidente do Conselho Diretor é incompatível com o de Presidente da Diretoria, podendo ser acumulativos os demais.

Art. 14.º — O Conselho Diretor reunir-se-á ordinariamente uma vez por mês e extraordinariamente, sempre que conyocado pelo seu presidente, pelo presidente da Diretoria ou pela maioria dos seus membros.

§ 1.º — O Conselho Diretor funcionará com a presença de no mínimo da metade e mais um dos seus membros na abertura dos trabalhos em primeira convocação, e, com qualquer número de presentes em segunda convocação, feita uma hora após a primeira em que não houver número legal.

Art. 15.º — Ao Conselho Diretor compete:

- a) reunir-se ordinariamente uma vez por mês e extraordinariamente de acordo com o artigo 14.º.
- b) tomar conhecimento, resolver e responder por escrito às questões que lhe forem apresentadas pela Diretoria.
- c) discutir e votar os relatórios e balanços anuais apresentados obrigatoriamente pela Diretoria.
- d) aceitar, recusar e demitir sócios e diretores, bem como Conselheiros.

- e) observar e fazer cumprir todas as disposições dos Estatutos e regulamentos e coadjuvar os diretores nos seus programas de ação que forem aprovados pelo C.D.
- g) tomar providências não previstas nos Estatutos.

Art. 16.º — Ao primeiro do Conselho Diretor compete presidir às reuniões e assinar as atas das reuniões do mesmo e das Assembléias Gerais.

Art. 17.º — Ao primeiro Secretário do Conselho Diretor compete secretariar, redigir e assinar as atas das reuniões do Conselho Diretor e das Assembléias Gerais.

Art. 18.º — Ao Segundo Secretário do Conselho Diretor compete auxiliar e substituir o primeiro nos seus impedimentos.

### CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

Da VIII Concentração de Mocidades Espirititas do Brasil Central e do Estado de São Paulo, comunicando ter sido escolhida a cidade de Jundiá, Estado de São Paulo, como sede, bem como solicitando o envio de teses. Registramos com satisfação a comunicação e auguramos aos nossos companheiros componentes do seu Conselho Diretor bastante êxito na sua realização.

Da União da Juventude Espírita, anexa ao Centro Espírita "Allan Kardec", de Campinas, participação da nova diretoria, presidida pelo jovem Ismael Oliveira. Anotamos e agradecemos.

Da Mocidade Espírita de Catanduva, justificando sua ausência no II Congresso e perguntando se as resoluções do mesmo serão postas ao alcance das Mocidades que não compareceram. Respondemos: 1. As resoluções finais já foram publicadas no número anterior do "Unificação". 2. O Estatuto Padrão sofreu modificações conforme publicação nesta edição do "Unificação". 3. Oportunamente, publicaremos na íntegra, atualizados, os Estatutos Padrão. 4. Estamos sempre à disposição. Para quaisquer dificuldades, poderão nos consultar.

Da Mocidade Espírita de Jundiá, comunicação da constituição de sua nova Diretoria. Agradecemos e felicidades.

contra a Treva outras não são permitidas que as do Evangelho. Voltando ao tema debatido nesta reunião, dizemos: Aquêlê dentre Vocês que mais 'vivo' tornar o Espiritismo entre os homens, êsse será o verdadeiro missionário d'A VERDADE na Terra. Portanto, ainda não foi 'marcado'. Convidamos a dar o primeiro passo à frente aquêlê que há pouco nos prometeu ficar na vanguarda dos soldados, aquêlê que recebeu e aceitou a incumbência de redigir em linguagem humana e universal a 'primeira página' da Filosofia dos Espirititos, que será realmente a base da Religião do Futuro, que começa nesta hora. Se 'aquêlê' o der, como contamos; se marchar com denodo, como almejamos; se não titubear, como esperamos, terá por certo nosso apoio de flanco e retaguarda para lhe poupar o ataque invisível dos Espirititos Atrasados. E se chegar triunfante até o último alento da vida material, logrará a Bênção da Providência e o Reconhecimento da Posteridade. Com êle marchem resolutos os que nos ouvem. Não é uma 'ordem' retórica a que lhes transmitimos. Vocês sabem que, nos eventos a nós confiados, não é o Acaso que comanda. Cavalheiros d'A VERDADE, para a frente!

\* \* \*

UM CURTO SILÊNCIO ocorreu. Ermance derramou duas lágrimas na face quente e rósea, após a voemência das últimas palavras. Seus lábios tremeram quando voltou a falar:

— A prece erguida há pouco por Vocês tocou profundamente nossos corações. Nós a acompanhamos com fervor, acrescentando-lhe pensamentos que lhes vamos resumir nestas palavras: — SENHOR! Sabemos que fomos convocados na Terra e no Espaço para a grande Batalha d'A VERDADE. Reconhecemos qual é nosso dever, mas somos fracos e a tarefa é ingente. Encoraja-nos o propósito de servir-TE! Se desfalecermos por um momento, reanima-nos! Se tombarmos por um descuido, reergue-nos! Não nos deixes cair mais no cativo da Soberba, da Cobícia e do Egoísmo! Liberta-nos,

SENHOR, dêsses negros grilhões do Mal, ainda que pela Dor! SENHOR, alcluia!

— Assim seja! — exclamou RIVAIL.

— Assim seja! repetiram todos.

— Agora, caros Camaradas, despeço-me, desejando-lhes coragem e êxito.

E nomeou-se:

LUIS DE FRANÇA.

\* \* \*

QUANDO OS ÚLTIMOS convidados partiram, após onze horas, Gabi apagou as luzes do apartamento e recolheu-se logo ao leito, deixando RIVAIL no escritório, sentado à escrivaninha de carvalho, sob a luz bruxuleante duma vela. Êle apanhou um caderno, já em parte escriturado e com o título 'Memórias', e principiou a escrever: "Hoje, finalmente, 18 de abril de 1857, posso dizer que lancei a público o trabalho mais importante da minha vida pelo enorme benefício que certamente espalhará. E isto devo..." Susteve a pena por um instante e, tirando da gaveta central um dossiê de couro marrom, bojudado de papéis escritos, desatou-o e foi rebuscando entre fôlhas soltas a comunicação que lhe viera à lembrança ao escrever 'devo'. Tinha esta nota à margem: "De ZÉPHYR, em 5 de janeiro de 1857, data em que entreguei o manuscrito d'O LIVRO DOS ESPÍRITOS a Madame DENTU". Evocando mentalmente o Espírito amigo que lhe dera, continuou a escrever após a palavra devo: "... Em primeiro lugar a ti, caro Amigo, prezado Companheiro de outrora. Quero deixar aqui transcritas, em destaque, as tuas palavras:

"Mas qual! A VERDADE não será conhecida tão cedo, nem acreditada pela maioria antes que decorram muitos anos".

\*\*\*

"Você não verá nesta existência senão a aurora do sucesso desta obra".

"Terá que voltar à Terra, reencarnado 'noutro corpo', para completar o que está apenas começando a fazer".

\*\*\*

"Só então verá em plena messe os primeiros frutos da sementeira que O LIVRO DOS ESPÍRITOS vai espalhar pelo Mundo".

\*\*\*

"Agora Você terá somente invejosos e competidores que procurarão denegri-lo e contradizê-lo. Não se desencoraje porém! Nem se inquiete com o que disserem ou fizerem contra! Prossiga na tarefa! Continue incessantemente a trabalhar pelo progresso da Humanidade!"

\*\*\*

"Enquanto perseverar na via do Bem, onde entrou, Você será sustentado fortemente pelos Espirititos bondosos e servos d'A VERDADE".

\*\*\*

"No começo do ano passado, prometi minha amizade aos que durante o curso dos Ensinos se portassem convenientemente em todas as circunstâncias. O ano acaba de findar. Quero cumprir a minha promessa, anunciando-lhe: "Você foi o escolhido".

\*\*\*

RIVAIL após em seguida estas palavras: — "Obrigado ainda uma vez, caro Amigo. Não fiz mais do que o dever para ser

digno de sua estima e da confiança de meu Guia. Se agi convenientemente, devo-lhe muito, prezado irmão. Você guiou-me os primeiros passos. Trouxe-me os primeiros Instrutores. Apresentou-me ao Espírito VERDADE. Mostrou-me algumas páginas antigas de meu passado. E agora, nesta mensagem fraternal, ao fim de nosso curso, me desvenda um pouco do meu futuro. Obrigado por tudo, mil vezes obrigado! Creio, com Você, que não viverei bastante, neste corpo já alquebrado, para ver o triunfo da verdade espírita. Ficarei satisfeito se puder assistir, como Você me anuncia, ao desenvolvimento germinativo da Filosofia que começamos a plantar hoje na Terra. A seara é de uns, a colheita é de outros. Assim diz o Evangelho. Mais de cem exemplares d'O LIVRO DOS ESPÍRITOS já se foram neste primeiro dia, doados ou vendidos. Cada volume será um grão de vida nova lançado ao coração dum homem velho. Se algumas sementes caírem em corações 'maduros', haverá por certo gloriosas 'ressurreições'. Mil e duzentas sementes d'A VERDADE serão lançadas no terreno da Opinião. Se uma só frondejar, nosso esforço não foi em vão. Você prometeu, no começo das Instruções, ajudar os que se esforçassem. Sabe que me esforcei. Rejubilo-me de ver que também Você cumpriu a promessa de 'estimar' os que se esforçaram. Guardarei como preciosa a sua estima... Está ouvindo? O relógio soa a meia-noite. Sinto alguém alertar-me em surdina. Adeus, caro Amigo!"

\* \* \*

RIVAIL FECHOU a pasta de couro marrom sobre o caderno escrito e, levantando-se, ouviu uma voz:

— Até logo, Amigo!

— Até breve, respondeu êle.

E, de castiçal em punho, rumou para o leito, na ponta dos pés, para não despertar Gabi.

Fim da Primeira Parte

# PELO MUNDO

## FRANÇA

### O falecimento de Augustin Lesage

Faleceu em Burbure (Pas-de-Calais), no dia 21 de fevereiro deste ano, aos 78 anos de idade, Augustin Lesage, o extraordinário médium pintor, um dos mais fiéis intérpretes dos artistas de além-túmulo.

Lesage nasceu no dia 9 de agosto de 1876, em Saint-Pierre-les-Auchel.

Era mineiro de profissão, como os seus antepassados. Nada entendia de pintura. Uma tarde, em 1911, já com 35 anos de idade, ouviu, quando trabalhava numa galeria da mina onde ganhava o seu sustento, uma voz invisível que lhe dizia: **Um dia Você será pintor!** A predição se repetiu por duas vezes e Lesage, mais tarde, quando se tornou espírito, recebeu a seguinte comunicação psicográfica:

"As vozes que Você ouviu foram uma realidade. Um dia Você será pintor. Cumpra à risca o que lhe dissermos e a sua missão se realizará; Você será a mão que executa e nós o cérebro que concebe. Você será pintor e as obras serão submetidas ao julgamento da ciência. Representarão as antigas religiões de um passado longínquo, cujo enigma se conhecerá um dia".

Foi-o no verdade e dos mais notáveis do mundo artístico. O primeiro quadro que saiu de suas mãos tinha o tamanho de 3 metros de largo por 3 de alto, representando cousas da misteriosa antiguidade, do qual o Sr. Cassiopée, crítico afamado, fez os mais rasgados elogios!

Quando Lesage expôs os seus quadros em Bruxelas na galeria "Le Studio", de 6 a 18 de outubro de 1951, quase cinco mil pessoas, naqueles curtos dias, foram visitá-los. A imprensa e os críticos belgas não regatearam elogios àquela criatura de faculdades mediúnicas-picturais.

Lesage produziu para mais de oitocentas telas mediúnicas, que se acham expostas na "Casa dos Espíritos", em Paris.

## ISRAEL

### O reconhecimento do Espiritismo pelo Governo

"O Espiritismo acaba de alcançar nova vitória. Uma vitória retumbante, das que atestam o caráter de uma época e o bom senso e compreensão dos governantes.

As idéias são aves aladas que fazem a viagem do mundo. E quando elas se diri-

gem ao coração do homem e o preparam para o derradeiro momento, instalam-se aqui e ali, lançam raízes fundas e tomam conta do terreno.

Os jornais de Israel relatam sessões espíritas nas primeiras páginas, sobretudo em Jerusalém e Telavive, desde que o Movimento Espírita foi reconhecido em decreto governamental.

Eis como esse diploma esboça a finalidade do Movimento:

"Estudar e realizar experiências práticas em todos os campos ligados à ciência do Espiritismo; difundir a idéia através de propaganda, informação e demonstração, e prestar assistência a todos os adeptos, sem distinção de cor ou de raça".

O presidente dessa organização é Moshe Baharv, antigo oficial do exército britânico e atual gerente da "Israel Salt Works Co.", a quem se deve a publicação da primeira obra espírita traduzida em hebraico antigo, da autoria de Artur Findlay: **No limiar do etéreo.**

Desde o princípio de 1954 que ali tem aparecido inúmeros artigos em inglês, hebraico e idish, a linguagem usada pelos jornais de Jerusalém e Telavive.

Para se ver a importância desse movimento basta dizer que o jornal **Maariv** consagra seis colunas a um artigo acerca do Espiritismo científico, filosófico e religioso, ilustrado com a fotografa de uma sessão de dois assistentes em que se viam entidades espirituais.

Já é tempo de se reconhecer o Espiritismo como doutrina útil e necessária nos tempos que decorrem, cheios de egoísmo e rivalismo. O seu nome anda achincalhado e deturpado na boca de muitos indivíduos conscientes e inconscientes. Por isso esta notícia vem no momento oportuno. Pouco a pouco, a luz espanca as trevas e ergue tronos à Verdade". (De "Estudos Psíquicos", n.º 4, abril de 1954, Portugal).

## BRASIL GOIÁS

### População espírita

Alguns jornais brasileiros publicaram uma notícia interessante, que, além de não pecar pela veracidade, se impõe pelo ineditismo. É a ela que entre os quarenta e quatro municípios recentemente criados no Estado de Goiás, dois apresentam aspectos singulares.

O primeiro é o de Rubiataba, colônia agrícola estadual; é dotado de urbanismo original, circunda-se de chácaras e possui cerca de 500 fazendolas, entregues a colonos nacionais — só isto é uma grande novidade já — e se dedica exclusivamente à produção de arroz, café e algodão.

O segundo, que é o de Palmelo, apresenta uma característica ainda mais original: TODOS os seus habitantes são espíritas e a população vive como se fosse uma só família!

O Prof. Rubens Peiruque, que por lá andou em visita, escreveu uma reportagem, aproveitada em jornais espíritas e da qual extrairmos os seguintes períodos:

"Além da população própria, espírita, a cidade anda sempre cheia de gente de fora, quase todos doentes que para ali acorrem, vindos de todos os lugares do Brasil e que, após a cura, regressam felizes aos seus lares distantes.

Reina ali verdadeira fraternidade e por toda a parte acham-se à venda e à disposição do povo as obras básicas do Espiritismo.

Não existe policiamento, não há furtos, nem desordens nem assassinatos, porque todos primam em viver na maior concórdia e tolerância recíprocas.

A cidade foi fundada em fevereiro de 1929 por Josino Branquinho e alguns companheiros, todos espíritas praticantes, que idealizaram formar ali uma cidade de modelo espírita. Mais tarde Jerônimo Gomide tomou as rédeas da construção da cidade, para onde agora afliu muito povo, porque ali se realizam curas consideradas verdadeiros milagres.

Já há ali Correio e o Sanatório "Eurípides Barsanulfo", já estando em andamento a construção de um Ginásio; o Centro Espírita local é o núcleo principal das atividades de cura e pregação evangélica e são inúmeros os doentes que ali recebem passes, curas e esclarecimentos doutrinários. Dessa forma milhares de pessoas, após recuperarem a saúde e a paz de espírito, adotam a doutrina espírita e penetram no caminho da redenção definitiva.

Não é sem razão que o Brasil é considerado a Pátria do Evangelho e o Coração do Mundo".

E' o caso de perguntarmos se não será Palmelo em arremedo da Colônia Espiritual NOSSO LAR, a que faz referência André Luís e da qual um dos nossos colaboradores já tratou em números anteriores?

# UNIFICAÇÃO

Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE

Direção:

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

CONSELHO DE REDAÇÃO:

J. Herculano Pires  
Luiza Pessanha Camargo Branco  
Luiz Monteiro de Barros  
João Teixeira de Paula  
Abraão Sarraf

Redação: Rua S. Amaro, 362 - Cx. P. 3.946  
Telefone: 37-8637 — São Paulo

Assinatura anual ..... Cr\$ 20,00  
Número avulso ..... Cr\$ 2,00

PARA AS SOCIEDADES ESPÍRITAS:  
Desconto de 25% para 20 exemplares ou mais.

NOTICIÁRIO — Todos os órgãos da Use e entidades adesas devem enviar noticiário de suas atividades de maneira sempre resumida, bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espaços, numa só face do papel e não ultrapassar duas folhas do tamanho de ofício.

Impresso na LINOGRAFICA EDITORA  
Rua Almirante Barroso, 478 — S. Paulo

## RESOLUÇÕES DO II CONGRESSO DE MOCIDADES

Por um lapso da Comissão de Redação do 2.º congresso estadual de mocidades não foram incluídas, nas resoluções finais, dois itens aprovados em plenário e que por não terem sido publicados no noticiário do "Unificação" de maio último, o fazemos agora.

Um deles é o item n.º 3 sobre "Assistência" e que teve a seguinte redação: "Que as Mocidades prestem assistência aos seus associados mantendo cursos de cultura geral como Português, Esperanto, etc."

O outro é o item n.º 8 sobre "Arregimentação" (Quinta Reunião Plenária) cuja redação completa é:

"Que as Mocidades arregimentem moços criando aulas de estudo ou núcleos de Mocidades nos centros que lhe emprestem apoio e que seja solicitado à D.E. da USE para que insista junto aos centros Espíritas no sentido de que enviem os jovens para as Mocidades".

## Unificação é Progresso

Diz Pietro Ubaldi, em "Ascensões Humanas": "O progresso é, pois, sinônimo de unificação, ou seja, a evolução não se cumpre apenas individualmente, porque mal ela se tenha manifestado nesse sentido, manifesta-se reorganizando rapidamente os elementos em unidades coletivas. Hoje, a identidade de interesses começa a imanar em grupos variados os homens de todo o mundo, num sentido coletivo antes ignorado, pelo menos nas proporções e na extensão que se verificam agora. E o indivíduo pode encontrar, no respectivo grupo, qualquer que seja este, proteção e valorização. A unificação, sem dúvida, corresponde sempre a um interesse nobre e a evolução consiste em alcançar esse interesse. Assim, mal uma série de indivíduos progride, descobre a maior vantagem de viver em organização, que em luta recíproca.

Atualmente compreende-se isto para vastas classes sociais; ontem se compreendia apenas para grupos menores; amanhã se compreenderá para toda a humanidade. A organização será tão ampla quanto a compreensão. Quanto mais se caminha para o separatismo tanto mais se desce. A unificação é a vida da ascensão". As trevas e a luz se degradam em plena batalha. E na verdade, se de um lado tudo desmorona, jamais como agora se observaram tão aguçadas as tendências às grandes unidades. Involução e evolução se contrastam. A capacidade destruidora, o materialismo, o ódio,

o egoísmo, a avidez desçaçimada e individualista até a dos opostos imperialismos, representam a corrente involutiva. O imenso progresso científico que nos eleva até a indagação espiritual, o domínio sobre as forças da natureza, os grandes meios de comunicação, a formação de grandes unidades sociais, políticas, econômicas e religiosas, uma tremenda ânsia de orientação e de fé, nascida da dor, representam a corrente evolutiva.

As características da nova era serão a unificação e a universalidade. Isso por si só justifica, em face das finalidades da vida, a necessidade da ação destruidora atual. A nova era será, não de imposição, mas de compreensão. O sistema da coação e da força, no último meio século, destruindo a Europa, isto é, o centro do mundo civil, nos forneceu a mais dolorosa e desastrosa experiência que um homem pode conhecer. Quem ainda acreditar em tal método e o seguir, deverá fazer a mesma experiência e chegar ao mesmo fim, pois que isto está implícito no sistema. Mas existe um outro sistema incompreendido e negligenciado e que é o único que poderá sobreviver: é o da compreensão e o da convicção. Os absolutismos, as verdades exclusivistas intransigentes, tendentes a dominar e coagir o indivíduo e a consciência, em qualquer campo, são métodos superados".

## Atividades da USE

No cumprimento de suas finalidades estatutariamente estabelecidas, esta entidade unificadora, representativa e orientadora do movimento espírita estadual, desenvolveu, nos últimos dias, as seguintes atividades:

1.º — Realização do 2.º Congresso Estadual da Mocidade Espírita nos dias 28, 29 e 30 de maio passado;

2.º — Providências relativas à realização do 4.º Congresso Espírita Estadual nos dias 9, 10 e 11 de julho vindouro, tendo em vista a necessidade se assegurar o êxito desse empreendimento, objetivando a consolidação da entidade máxima do Espiritismo no Estado;

3.º — Assistência e readaptações em órgãos constitutivos da USE, organização de novas UMEs, destacando-se, dentre elas, a UME de São José do Rio Preto agora reativada com a valiosa cooperação de confrades locais, bem como a organização da UME de Fernandópolis, que congrega mais de uma dezena de Centros e Instituições Espíritas localizadas na parte mais distante de nosso Estado, isto é, na região fronteiriça com os Estados de Minas Gerais e Mato Grosso, bem como a UME de Cachoeira Paulista;

4.º — Edição do jornal "Unificação", observando o mesmo critério e orientação iniciais, cujo acatamento e aceitação crescem constantemente;

5.º — Consulta às entidades Federativas de todos os Estados sobre a data para a realização do 2.º Congresso Espírita Brasileiro de Unificação; nesta Capital;

6.º — Feitura e expedição de milhares de Circulares referentes ao Congresso Espírita Estadual convocado para julho vindouro;

7.º — Esclarecimento e orientação das Sociedades Espíritas congregadas, por meio de volumosa correspondência;

8.º — Elaboração de trabalhos especiais, de interesse geral, por meio de Comissões para isso designadas;

9.º — Reuniões regulares do Conselho Deliberativo Estadual nos dias previamente determinados, da Diretoria Executiva, do Conselho de Redação do órgão oficial, de Departamentos e demais órgãos auxiliares de administração, estudando-se, em tôdas elas, as questões de interesse do movimento Espírita no Estado, procurando cumprir as decisões tomadas de acordo com os recursos materiais e humanos disponíveis;

10.º — Comparecimento às reuniões do Conselho Federativo Nacional, no Rio de Janeiro, tratando ali dos assuntos referentes ao movimento Espírita no País.

São essas, em resumo, as atividades da USE nos últimos meses, até a presente data.

Desejamos salientar que, sob o patrocínio da UME de São José do Rio Preto, agora reorganizada e, com a participação de tôdas as demais UMEs da Região, será realizada, naquela Cidade, na última semana de outubro vindouro, a 1.ª SEMANA ESPÍRITA REGIONAL DA ALTA ARARAQUARENSE, cujo programa já está sendo cuidadosamente elaborado. Em se tratando de um esplêndido empreendimento de confraternização e trabalho, a D.E. está emprestando o mais carinhoso e decidido apoio, tendo em vista o progresso e consolidação do movimento Espírita naquela Região.

Na carta a que fizemos alusão, Renan escrevera também que as ciências históricas nada diferiam, pelo método, das ciências físicas e matemáticas: conviviam elas em que nenhum agente sobrenatural perturba o caminhar da humanidade; que esse caminhar é o resultado imediato da liberdade que o homem possui e da fatalidade que está em a natureza; que em a natureza nada há superior ao homem, a que se pudesse atribuir uma influência apreciável tanto no lado moral como no lado material do universo.

O Sr. Adolphe Guérout, estranhando a asserção, dirigiu-lhe pela Imprensa uma missiva em que lhe pedia explicações dela.

Renan respondeu-lhe por carta de 27 de agosto de 1862, que veio pela primeira vez a público quando de sua inserção no primeiro tomo das obras completas.

Nela pondera Renan que ele estava longe de pretender resolver os problemas, cuja solução a humanidade procura há quatro mil anos.

O homem não é totalmente livre e há nele grande contingente de fatalidade. O seu corpo obedece às leis dos demais corpos; as transformações químicas que se operam nos seus órgãos não conhecem remissão nem piedade.

Sempre às voltas com a impossibilidade da realização de milagres, que antes devem provar a si mesmos a possibilidade de sua realização, confessa que se a ciência não pode provar a existência ou inexistência de um ser livre, superior ao homem, a prova experimental seria o bastante. O dia que ela viesse, creeria então nela. Um ser que não se revela por nenhum ato é um ser inexistente.

A violação flagrante da ordem a que estamos acostumados implica sómente um degrau a mais de dificuldades: ora as palavras *fácil* e *difícil* não têm nenhum sentido quando se trata de um ser todo-poderoso. Para Deus não há milagre em ressuscitar um morto, em fazer que um rio torne à fonte, em decidir da sorte de uma batalha, em sustar uma doença que deveria ser mortal, em manter de pé um reino prestes a esbarrandar-se, em violentar a liberdade de resoluções. A derrogação das leis naturais aí é indiscutível e obscura.

Mas a Providência, entendida dessa maneira vulgar, não é senão sinónimo de taumaturgia. A questão está em saber se Deus pratica atos dessa ordem. Pensa, de si para si, que a verdadeira Providência não quebra a harmonia existente nas leis do universo, divina, altamente sábia, justa e boa.

Poderia parecer a Guérout que tal doutrina fôsse um modo de ateísmo. Protestava enérgicamente, porque esse seu modo de apreender as cousas era a exclusão de um Deus caprichoso, feticheiro, que age como quer, deixando as nuvens seguir o seu curso para desviá-las dele quando lho pedem; que deixa esse pulmão ou aquela víscera entrar em decomposição para suspendê-la quando lhe fazem um voto; procedendo sempre, enfim, segundo os interesses de cada um. Reconhecia que um Deus assim era anticientífico e não podia crer nele.

O que combatia era a superstição, a noção grosseira que se tem da divindade. Mas não a religião em si.

A existência de Deus fica provada pelos atos de um homem honesto. E' no mundo do ideal, e aí sómente, que as crenças da religião natural têm a sua legitimidade. A alma justa que vê, através das cousas boas do mundo, a idéia pura desprendida do tempo e do espaço, é a mais clarividente. Aquêlê que consagrou a sua vida ao bem, ao verdadeiro, ao belo, será o mais previdente, porque nele estará o Deus vivo, que se sente e não se demonstra. Não tem necessidade de milagres para crer em Deus dessa maneira; bastava-lhe escutar, em silêncio, essa imperativa necessidade do seu coração.

Os homens que têm um sentimento

# ERNEST RENAN

## A Filosofia e a Metafísica

João TEIXEIRA DE PAULA

verdadeiramente fecundo de Deus — não se perdem em questões subitas. Sentem Deus indistintamente, têm-no em si, não o definem. Jesus brilha na falange divina de maneira excepcional. Denominando-se filho de Deus, ensinando os homens a chamarem Deus de Pai, destruindo as superstições dos cultos antigos pela sua bela teoria da prece e pela adoração espiritual, dando o exemplo de uma vida consagrada na sua inteligência às obras do Pai, conseguiu o mais alto conhecimento de Deus, que provavelmente nunca existiu na humanidade. Os homens religiosos de todos os tempos serão, por isso e por certo, seus discípulos, mesmo quando se apartam dos pontos doutrinários que as Igrejas, coisas de Jesus, desenvolveram sob a tuetala do nome dele.

Pergunta-lhe Guérout se há cousa fora da natureza e do homem. Há tudo, responde-lhe Renan. A natureza não é senão uma aparência; o homem não é senão um fenómeno. Há o princípio eterno, há o infinito, há a substância, o absoluto, o ideal; há, segundo a expressiva frase muçulmana, *aquêlê que dura*; há, de acôrdo com a frase judaica, ainda mais expressiva, *aquêlê que é*. Eis aí o Pai de cujo seio tudo sai e para cujo seio tudo retorna.

Não podemos conceber a existência de alguém senão sob a forma de um *eu* limitado. E' inevitável que o homem, para representar Deus, o faça à sua imagem e semelhança, o que equivale a dizer sob a forma também de um *eu* limitado. Ora quem não vê quanto há de contraditório em tal concepção: o ser infinito representado como finito, o Espírito Puro dotado de atributos que supõem a necessidade de órgãos! Por que pois tentar exprimir o infinito por meio de palavras e frases que não passam de meros limites? O vocabulário humano, aplicado à Divindade, manqueja a todo instante.

\* \* \*

Em outro estudo, aparecido na *Revue de Deux Mondes*, no dia 15 de janeiro de 1860, sobre a *Metafísica e o seu futuro*, publicado agora, pela primeira vez, no tomo em apêço, nota Renan, em termos ardorosos, que um dos fatos mais graves naqueles últimos trinta anos era a cessação súbita, na órbita intelectual, das mais importantes especulações filosóficas. Confessa até que não sabia se, depois da Idade Média, se deu igual fenómeno com caráter assim tão insólito. Descartes sucedia, na primeira metade do século XVII, a um movimento de prodigiosa atividade, cujo defeito era mais a presunção do que a reserva. O cartesianismo, Leibniz, Locke, a escola francesa chegaram ao fim daqueles séculos e entraram pelo seguinte sem que as animosidades ensarilhassem armas na sucessão contínua de sistemas rivais. Quando as últimas consequências do cartesianismo e do sensualismo se fizeram sentir e o ceticismo de Hume despontou para recolher a herança, a Escóssia, com a sua natural honestidade, e a Alemanha, com a sua profundidade de espírito e penetração, deram novos rumos ao pensamento europeu, deixando o antigo de lado. Não há quem não conheça a evolução brilhante por que passou a Alemanha, durante mais de meio século, no mundo admirado de tantos dons novos, de uma linguagem estranha e poderosa, daquela vigorosa originalidade que fazia reviver no céu brumoso do Norte os dias animosos de Sócrates, Aristóteles e Platão.

Se percorrêssemos os últimos vinte e cinco ou trinta anos, ficaríamos boquiabertos ante o silêncio da filosofia. Hegel estava morto e deixara a herança aos discípulos, que parecia que-

rerem esquartejá-lo e lançar as suas postas aos quatro cantos do céu. Schelling sobrevivia a si mesmo, prometendo incessantemente aos pósteros uma nova filosofia; mas quando se dispunha a cumprir a promessa, nada mais fazia do que balbuciar repetições inócuas, que punham a descoberto os lados fracos da sua natureza mais poética do que científica. Cousin dava a sua obra por acabada e a escola escocesa se perdia em análises engenhosas de palavras, deixando de lado os grandes problemas do espírito.

Uma única escola se mantinha de pé, ativa, cheia de esperança, com os olhos no futuro: a escola positivista. Porém ela não fazia exceção à lei a que Renan se reportava, porque o primeiro princípio dela era justamente a negação da metafísica inteira. Era aos funerais da especulação abstrata que ela nos levaria a assistir se os seus votos e a suas predições viessem a consumar-se.

Sem depreciar o que o ensino filosófico tem de prestativo, é-nos lícito julgar que ele nos tem mais deservido do que servido. Obrigando-nos a nos contentarmos com fórmulas que não têm nenhum valor senão quando conhecemos os pormenores a que elas correspondem, a nossa curiosidade diminui, o nosso interesse pelas pesquisas originais se abastarda, retrai-se o nosso gosto pelos fatos. Nada mais perigoso para a cultura do que persuadir-se alguém de que sabe alguma cousa quando nada sabe.

Se se entende por metafísica o direito e o poder que o homem tem de se pôr acima dos fatos, de inteirar-se das leis, da razão, da harmonia, da poesia, da beleza; se se quer dizer que nenhum limite pode ser traçado ao espírito humano, que ele irá sempre subindo pela escala infinita da especulação; se a ciência que se opõe à metafísica, que é esse vulgar empirismo que se contenta com a própria mediocridade, que é a negação da filosofia, confessa Renan que há uma metafísica.

Mas se se quer mostrar que existe uma ciência primeira, que contenha os princípios das demais, uma ciência que, sózinha, e por meio de combinações abstratas, nos pode levar à verdade acerca de Deus, do mundo, do homem, não vê o nosso autor a necessidade desse ramo do saber humano, que está em toda a parte e não se encontra em nenhum lugar, que não é nada se não for tudo. Não há verdade que não tenha o seu ponto de partida na experiência científica, que não saia direta ou indiretamente de um laboratório ou de uma biblioteca, porque tudo aquilo que sabemos, sabemos-lo através do estudo da natureza ou da história. Sem dúvida que a ciência da natureza e da história não existiria sem as fórmulas essenciais do entendimento; não saberemos compreender a poesia do mundo se não tivérmos conosco a flâmula da luz e da poesia.

A metafísica não é uma ciência jovem, nasceu como sendo a primeira ciência, é a mais velha entre todas. As outras tiveram a sua infância e o seu progresso; a metafísica e a lógica vieram já completas desde o seu primeiro arranco, como tudo o que não é fecundo. São suscetíveis de progresso na exposição, mas não dá azo a novas descobertas reais. Pode-se explicar a teoria do silogismo de um modo mais cômodo do que o fez Aristóteles, mas não saberá ninguém melhorá-la nem completá-la.

A filosofia oferece a singularidade de se poder afirmar que existe e não existe. Negá-la é amesquinhar o espírito humano; admiti-la como ciência distinta é contradizer a tendência geral dos estudos. Um único meio há para tirá-la dessa situação indecisa e é a de convirmos em que ela é menos

uma filosofia do que um lado de todas as ciências.

Tanto a mais humilde criatura como a mais distinguida têm a sua maneira de conceber o mundo; cada cabeça pensante é, a seu jeito, o espelho do universo; cada uma tem o seu modo de encarnar as cousas, que a encanta, eleva, consola; grandioso ou mesquinho, tórpe ou sublime — esse modo tem a sua filosofia. Eis a razão por que a história da filosofia não se parece nada com a história das demais ciências; não tem ela nenhum desenvolvimento regular, não obra absolutamente por aquisições sucessivas. A individualidade de cada pensador se reflete nela.

A filosofia é o próprio homem: cada um nasce com a sua filosofia assim como cada um nasce com o seu estilo.

Far-se-á sempre a filosofia como sempre se fará a poesia; mas assim como Renan tem as suas dúvidas com relação ao futuro da maior parte dos gêneros de poesia sem as ter para com a poesia em si mesma, assim muito pouco crê no futuro da filosofia, tomada como ciência especial, sem contudo ter a menor dúvida relativamente à persistência eterna do sentimento filosófico.

Talvez chegará um dia em que se fará qualquer cousa poeticamente e filosoficamente, sem se cogitar no entanto de poesia e de filosofia. Quais são os intérpretes da grande poesia, daquela que sai da natureza e da alma, como eterna mágoa e divino gemido? São-no sem dúvida alguns poetas, fiéis ainda à tradição filosófica ou religiosa; mas o são, sobretudo, alguns sábios, alguns críticos. Já se não crê nem nos sistemas nem nas ficções.

Filosofar é conhecer o universo, que se compõe de dois mundos: o físico e o moral, a natureza e a humanidade. No estudo da natureza e da humanidade se resume a filosofia inteira.

A ciência não tem na realidade senão uma única mira: a resolução do enigma das cousas, dar ao homem o conhecimento do universo e de seu próprio destino.

O pensador nada pode sem o sábio e o sábio o nada vale se não estiver de parceria com o pensador. Um e outro são, empregando-se a linguagem dos matemáticos, *funções* num conjunto mais vasto. Um bom sentimento vale por um belo pensamento, um belo pensamento vale por uma boa ação e uma vida de ciência vale por uma vida de virtude. O homem completo seria aquêlê que fosse a um só tempo poeta, filósofo, sábio e virtuoso, não a intervalos (quando então o seria mediocrementemente), porém por uma íntima penetração em todos os momentos da sua vida: seria poeta quando fosse filósofo, filósofo quando fosse sábio. O modelo da perfeição nos é dado pela natureza humana. Ora esta a um só tempo é sábia, curiosa, poética, apaixonante.

Se o metafísico é o poeta que aceita assim a vida, está Renan com ele e o louva; mas se o seu papel não é senão o de abstração da vida, prefere o sábio, que lhe revela a natureza e a história, porque tanto naquela como nesta percebe melhor o dedo divino do que nas fórmulas abstratas de uma teodicéia artificial e de uma ontologia sem relações com os fatos.

A glória da filosofia não consiste em resolver o problema, mas está em tê-lo proposto. Propô-lo é atestar a sua realidade — e isto é tudo o que o homem pode fazer, porque, pela própria natureza do assunto, não lhe é dado senão vislumbrar a razão das cousas.

Ó Pai Celeste — perona Renan —, ignoramos o que nos reservais. A fé, que permitis termos nos corações, é consolação que nos destes para tornarmos mais suportável a nossa frágil existência? Ou é uma ilusão benfeitora que a vossa bondade combinou sabiamente, ou é ainda um instinto profundo, uma revelação que basta aquêlê que se fizerem dignos dela?

Graças vos sejam dadas pelo vosso mistério, por vos terdes ocultado, por haverdes facultado inteira liberdade aos nossos corações!